

Problemas de Historiografia Helenística

**Breno Battistin Sebastiani,
Fernando Rodrigues Jr.,
Bárbara da Costa e Silva (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**NEM BÁRBAROS E NEM HELENOS: OS MACEDÔNIOS DO SEC. IV
A.C. COMO TERCEIRA CATEGORIA EM PLUTARCO¹**
(Neither Barbarians nor Hellenes: the Macedonians of the 4th century BC as
a third category in Plutarch)

RAINER GUGGENBERGER

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(rainer@letras.ufrj.br; ORCID: 0000-0003-0543-2606)

RESUMO: O texto estuda a categorização dos macedônios no século IV a.C. tendo como fonte principal a biografia de Alexandre Magno escrita por Plutarco. O próprio Alexandre se esforçou para dar aos helenos – e, em parte, também aos bárbaros – a possibilidade de se identificarem, até certo grau, consigo próprio e de identificar a si próprio com eles. No contexto da identificação dos helenos enquanto helenos e dos macedônios enquanto macedônios, analisa-se a importância da língua, da religião, da cultura, da etnicidade, da região geográfica e da história e mitologia, com a intenção de destacar traços comuns e traços distintos entre helenos e macedônios. Embora os macedônios não estivessem presentes na mitologia helênica, a casa real macedônica aproximava-se constantemente dessa mitologia. Os macedônios, assim como os helenos, tinham a tendência de menosprezar aqueles que eram considerados bárbaros pelos helenos. Como resultado, é preciso operar, no discurso acadêmico da História e Literatura Antiga, com uma terceira categoria à qual pertencem vários povos que até então eram incluídos, erroneamente, por uma parte dos pesquisadores modernos, na categoria “helenos”, e por outra parte, na categoria “bárbaros”, tendo sido esses considerados, na verdade, pelos próprios helenos nem bárbaros e nem helenos.

PALAVRAS-CHAVE: Plutarco, Vida de Alexandre, Macedônios, Bárbaros, Hellenos.

ABSTRACT: The text deals with the categorization of the Macedonians in the 4th century BC, using as main source the biography of Alexander the Great, as it was written by Plutarch. Alexander himself has been keen on giving to Hellenes – and, partly, also to Barbarians – the possibility to identify themselves, to a certain degree, with himself and to identify himself with them. In the context of the identification of the Hellenes as Hellenes and of the Macedonians as Macedonians the treatise will analyze the importance of language, religion, culture, ethnicity, geographic region and history and mythology, with the intent to highlight the traits which are common and those which are different for Hellenes at one hand and for Macedonians at the other. Macedonians, as well as Hellenes, tended to despise those who were considered Barbarians by the Hellenes. The obtained results show that it is necessary to operate within the academic discourse of Ancient History and Literature with a third category, to which various Ancient peoples belong, which, so far, by some modern scholars were

¹ Agradecemos à Bárbara da Costa e Silva pela correção minuciosa dos erros gramaticais e por ter aprimorado estilisticamente este trabalho.

wrongly included in the category "Hellenes" or in the category "Barbarians", whereas they were considered by the Hellenes themselves neither as Barbarians nor as Hellenes.
KEYWORDS: Plutarch, Life of Alexander, Macedonians, Barbarians, Hellenes.

Rainer Guggenberger is Professor of Greek Language and Literature at the Federal University of Rio de Janeiro, and studied Philosophy (esp. Ancient Philosophy and Philosophy of Language), Italian (esp. 15th Century Humanism) and Classics (esp. Homer, Lyric Poetry, Pre-Socratics, Plato and Aristotle). His current research is about the reception of Homer and Tragedies in the works of Plato, Xenophon, and Aristotle, and also on the construction of identities in Plutarch.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pode ser visto como o primeiro passo de uma série de investigações que se ocupam 1) com a opinião dos macedônios sobre helenos e bárbaros e, 2) com a opinião dos helenos e bárbaros sobre os macedônios. A *materia prima* é a biografia de Alexandre Magno, escrita por Plutarco no primeiro século d. C. Futuras investigações, que deverão seguir a mesma direção que a atual, deverão ocupar com outras fontes biográficas e historiográficas da Antiguidade que abordem os macedônios e os seus grandes protagonistas: Filipe, Alexandre e os seus sucessores (os chamados diádocos). Tais outras fontes são sobretudo os textos de Diodoro Sículo, Cúrcio Rufo, Arriano e Marco Juniano Justino.²

Lendo Plutarco, é nítido que a maior parte dos helenos não considerava os macedônios como helenos.³ A análise detalhada da biografia de Alexandre tentará fornecer respostas a perguntas como: por que os macedônios não são considerados helenos?; os macedônios se consideraram helenos?; em qual aspecto, de qual maneira e qual é o porquê da aproximação com os helenos? Antecipando parte das respostas podemos constatar que os protagonistas macedônicos, sobretudo Alexandre, merecem a nossa dedicação especial, pois eles se comportam, em várias ocasiões, diferente dos demais macedônios, que não ambicionam ser vistos como helenos e até parecem se preocupar pouco com a opinião dos helenos e bárbaros. Já Alexandre – pelo menos na representação textual de Plutarco – se esforça para dar aos helenos – e, em partes, também aos bárbaros – a possibilidade de se identificarem, até certo grau, com ele próprio e de identificar ele próprio a eles.

² Fernández Nieto os chama de historiógrafos de segunda geração (2009: 35-36), em contraste com os historiógrafos de Alexandre Magno da primeira geração (Calístenes, Nearco de Creta, Aristóbulo de Cassandreia, Ptolemeu, Cares de Mitilene, Mársias de Pela, Efipo de Olinto, e outros).

³ O trabalho não abordará os passos históricos do período 1200 a 600 a.C. que conduziram à identificação de certos grupos e povos como helenos.

Neste contexto da identificação dos helenos enquanto helenos e dos macedônios enquanto macedônios, analisar-se-á a importância da língua, da religião, da cultura, da etnicidade, da região geográfica, e da história e mitologia,⁴ com a intenção de destacar traços comuns e traços distintos entre helenos e macedônios.

No primeiro momento, pretende-se comprovar que os macedônios não eram considerados helenos por Plutarco. Por fins heurísticos ignorar-se-á o fato de que os textos de Plutarco nem sempre refletem⁵ a autêntica opinião dos contemporâneos de Alexandre: nem a dos helenos sobre os macedônios e nem a dos macedônios e de Alexandre sobre os helenos.⁶ Essa ignorância somente se dissolveria no decorrer de futuras investigações acerca do mesmo tópico, analisando detalhadamente os textos dos demais autores que escreveram sobre os Macedônios e sobre Alexandre. Por isso, no momento, pouco importa também se as distorções dos fatos se devem a Plutarco ou as suas fontes – sobretudo Aristóbulo e Ptolemeu⁷. Tampouco será tomado em conta como Plutarco se definiu, ou seja, o fato que ele não se via como historiador⁸ (pelo menos não no sentido corrente dessa denominação nos cinco séculos a.C.):

⁴ “Herodotus’ definition of ‘to Hellenikon’ at 8.144.2 is a key passage in any discussion about Macedonians and Greeks. According to him, these were the main criteria on which ancient Greeks based their general ideas of Hellenic identity or Hellenicity: ‘to be of the same blood’ (to have common ancestors), to use the same Greek language, to share certain religious traditions at common sanctuaries and with common sacrifices, and to practise similar customs.” (Engels 2010: 81)

⁵ O próprio Plutarco usa a metáfora do espelho na introdução à *Vida de Timoleonte*: “A mim aconteceu consagrar-me à redação de vidas devido a outras pessoas, mas persisti e permaneci nesse domínio por minha própria causa, tentando, com a história, de um modo ou de outro, organizar e conformar minha vida às virtudes daqueles, como se olhando num espelho [ἐν ἐσόπτρῳ]. Pois, o que se passa parece ser nada mais que uma coexistência e simbiose, quando, como que recebendo e acolhendo cada um deles, de cada vez, como hóspede, através da história, consideramos ‘quanto era grande e capaz’, tomando de suas ações o que é mais forte e mais belo para conhecer-se.” (Plut. *Vida de Timoleonte*, 1-2; Tradução de Lins Brandão em Hartog 2001: 175) [ἐμοὶ τῆς τῶν βίων ἄψασθαι μὲν γραφῆς συνέβη δι’ ἑτέρους, ἐπιμένειν δὲ καὶ φιλοχωρεῖν ἤδη καὶ δι’ ἑμαυτόν, ὥσπερ ἐν ἐσόπτρῳ τῇ ἱστορίᾳ πειρώμενον ἀμῶς γέ πως κοσμεῖν καὶ ἀφομοιοῦν πρὸς τὰς ἐκείνων ἀρετὰς τὸν βίον. οὐδὲν γὰρ ἄλλ’ ἢ συνδιατήσῃ καὶ συμβιώσῃ τὸ γινόμενον ἕοικεν, ὅταν ὥσπερ ἐπιξενούμενον ἕκαστον αὐτῶν ἐν μέρει διὰ τῆς ἱστορίας ὑποδεχόμενοι καὶ παραλαμβάνοντες ἀναθεωρῶμεν ὅσσοις ἔην οἶός τε, τὰ κυριώτατα καὶ κάλλιστα πρὸς γνῶσιν ἀπὸ τῶν πράξεων λαμβάνοντες.] E a metáfora do espelho encontra-se também na *Glória dos Atenenses* (*Moralia* 345 F).

⁶ “With regard to literary sources, most indigenous ancient Macedonian historical, geographical and mythological works have not been preserved except for a few testimonies and fragments. Thus we have to rely almost completely on Greek authors (or even on later Roman ones) who wrote on Macedonia and Macedonian history. Most of these sources, however, are biased and (in the Classical and early Hellenistic periods) many are dominated by an Athenian perspective.” (Engels 2010: 82)

⁷ Fernández Nieto 2009: 36. E, mais detalhado, Guggenberger 2016: 135-136, rodapé 12.

⁸ Veja Guggenberger 2016: 134, rodapé 10, e para uma abordagem mais ampla da temática da historiografia e biografia na época greco-romana De Magalhães 2009.

ἄς γοῦν Θουκυδίδης ἐξήνεγκε πράξεις καὶ Φίλιστος, ἐπεὶ παρελθεῖν οὐκ ἔστι, μάλιστά γε δὴ τὸν τρόπον καὶ τὴν διάθεσιν τοῦ ἀνδρὸς ... ἐπιδραμῶν βραχέως καὶ διὰ τῶν ἀναγκαίων, ἵνα μὴ παντάπασιν ἀμελῆς δοκῶ καὶ ἀργὸς εἶναι, τὰ διαφεύγοντα τοὺς πολλοὺς, ὑφ' ἐτέρων δ' εἰρημένα σποράδην ἢ πρὸς ἀναθήμασιν ἢ ψηφίσμασιν εὐρημένα παλαιοῖς πεπεύραμαί συναγαγεῖν, οὐ τὴν ἄχρηστον ἀθροίζων ἱστορίαν, ἀλλὰ τὴν πρὸς κατανόησιν ἤθους καὶ τρόπου παραδιδούς.

Não me seria possível silenciar sobre fatos relatados por Tucídides e Filisto, pois tais fatos destacam o caráter de meu personagem [Nícias], suas disposições íntimas... Indiquei-os ligeiramente, atendo-me às coisas essenciais, para não ser acusado de omisso em minha tarefa. Mas o que me esforcei principalmente por reunir foram os aspectos geralmente ignorados; desinteressando-me de amontoar coisas que nada dizem, procurei recolher o que é adequado a fazer conhecer os hábitos e a natureza da alma” (capítulo I da *Vida de Nícias*; apud PLUTARCO 1965, s.p.⁹)

e na introdução da *Vida de Alexandre*:

οὔτε γὰρ ἱστορίας γράφομεν, ἀλλὰ βίους, οὔτε ταῖς ἐπιφανεστάταις πράξεσι πάντως ἔνεστι δῆλωσις ἀρετῆς ἢ κακίας, ἀλλὰ πρᾶγμα βραχὺ πολλάκις καὶ ῥῆμα καὶ παιδιὰ τις ἔμφασιν ἤθους ἐποίησε μᾶλλον ἢ μάχαι μυριόνεκροι καὶ παρατάξεις αἱ μέγισται καὶ πολιορκίαι πόλεων, ὥσπερ οὖν οἱ ζωγράφοι τὰς ὁμοιότητας ἀπὸ τοῦ προσώπου καὶ τῶν περὶ τὴν ὄψιν εἰδῶν, οἷς ἐμφαίνεται τὸ ἦθος, ἀναλαμβάνουσιν, ἐλάχιστα τῶν λοιπῶν μερῶν φροντίζοντες, οὕτως ἡμῖν δοτέον εἰς τὰ τῆς ψυχῆς σημεῖα μᾶλλον ἐνδύεσθαι καὶ διὰ τούτων εἰδοποιεῖν τὸν ἐκάστου βίον, ἐάσαντας ἐτέροις τὰ μεγέθη καὶ τοὺς ἀγῶνας.

não escrevemos histórias, mas vidas – e não é nas ações mais célebres, em absoluto, que está a demonstração da virtude ou do vício, mas, muitas vezes, um breve feito, uma palavra, uma brincadeira dão ênfase ao caráter mais que os combates mortais, as maiores batalhas e os assédios de cidades. Portanto, como os pintores salientam as semelhanças a partir do rosto e das formas visíveis em que se manifesta o caráter, preocupando-se menos com as outras partes, assim também deve-se permitir-nos penetrar antes nos sinais da alma e, através disso, desenhar a vida de cada um, deixando a outros as grandezas e os combates.¹⁰ (*Vida de Alexandre* 1-3)¹¹

⁹ Tradução (demasiado livre) do prefácio, segunda página não numerada de “O homem das 50 ‘Vidas’”, de Mário da Gama Kury.

¹⁰ Uma análise das intenções do estilo biográfico encontra-se em Bosman 2011, sobretudo na página 93.

¹¹ Tradução de Lins Brandão em Hartog 2001: 175.

OS MACEDÔNIOS COMO PODER DE FORA DA HÉLADE CLÁSSICA¹²

Segue-se uma análise textual que visa a comprovar que Plutarco não considerava os macedônios helenos, partindo das evidências textuais, encontráveis na *Vida de Alexandre*, que falem explícita ou implicitamente sobre a identificação de helenos como helenos e de macedônios como macedônios. Vale a pena destacar a inexistência de passagens que falem dos macedônios enquanto helenos.

Alexandre “[i]nterveio pessoalmente na batalha” que Filipe travou “contra os Gregos em Queroneia”¹³ (9. 2; *Alex.* p. 28) [ἐν δὲ Χαιρωνείᾳ τῆς πρὸς τοὺς Ἑλληνας μάχης παρῶν μετέσχε].¹⁴ Plutarco fala, portanto, sobre uma disputa entre helenos e macedônios. Isso significa que o heleno Plutarco não via os macedônios como helenos. Filipe perguntou a Demarato, o Coríntio, “se os Gregos viviam em harmonia na sua vida privada. ‘Na verdade, Filipe – respondeu-lhe Demarato – és tu que te preocupas com a Grécia” (9. 6; *Alex.* p. 29) [ἐπερωτῶντος τοῦ Φιλίππου πῶς ἔχουσιν ὁμονοίας πρὸς ἀλλήλους οἱ Ἕλληνες, ‘πάνυ γοῦν, ἔφη, ‘σοι προσήκει, Φίλιππε, κήδεσθαι τῆς Ἑλλάδος’]. Filipe, portanto, informou-se sobre os helenos. Isso mostra que os macedônios não se viam como helenos. Os médicos helenos temiam “o ressentimento dos Macedônios” (19. 2; *Alex.* p. 42) [τὴν ἐκ τοῦ σφαλῆναι διαβολὴν πρὸς τοὺς Μακεδόνας], caso eles não conseguissem curar Alexandre. Mas um médico heleno, Filipe, o Acarnânio, socorreu Alexandre com sucesso. (19. 2-5; *Alex.* p. 42-43) Os Macedônios se preocupam com Alexandre (19. 5; *Alex.* p. 43) e nunca com os helenos. O rei persa, Dario, chama os macedônios de macedônios e não de helenos. (30. 4; *Alex.* p. 59) Talvez os bárbaros fizessem uma distinção entre macedônios e helenos; ou, então, tratasse somente de um reflexo literário da atitude de Plutarco (e eventualmente de outros helenos) para com os macedônios.

O indiano Calano “saudou os Macedônios” (69. 3; *Alex.* p. 107) [ἔδεξιούτο τοὺς παρόντας τῶν Μακεδόνων] e não os helenos. É possível que os indianos do último terço do século IV a.C. consideraram e chamaram quase todos aqueles

¹² Uma análise textual da *Vida de Alexandre* evidencia que, pelo menos ao ver de Plutarco, não é só a Macedônia que não fez parte da Hélade clássica, mas que também a Trácia era vista como uma região não helênica. Parece, portanto, que as regiões mais nortes que eram reconhecidas por todos helenos indubitavelmente como fazendo parte da Hélade eram o sul de Epiro (somente até a altura de Ambrácia) e a Tessália.

¹³ O número arábico, seguido por outro número arábico, refere-se à capitulação e à paragrafação comuns do texto grego. “*Alex.* p.” refere-se à paginação da tradução portuguesa comumente usada. As traduções da *Vida de Alexandre* são de Hélio Vega, que são até hoje as mais acessíveis e divulgadas no Brasil. Colocamos partes do texto grego em parênteses ao lado da respectiva tradução quando julgarmos importante. A acentuação em português foi adaptada para as normas atuais. Preferimos “helenos” em passagens nas quais Hélio traduz como “gregos”. Em algumas passagens, tivemos que corrigir e comentar a tradução de Vega: por exemplo *Alex.* p. 33 (12. 3), *Alex.* p. 60 (31. 1) e *Alex.* p. 64 (33. 1).

¹⁴ Sobre a relação entre Filipe e Alexandre veja Burke 1983.

membros do exército de Alexandre, que se destacaram dos integrantes persas em aparência, de macedônios, uma vez que a maioria das partes do exército¹⁵ e o próprio Alexandre eram de fato macedônios e falavam provavelmente – enquanto estavam entre si, quer dizer sem os contingentes helenos por perto – em dialeto macedônico^{16, 17}.

“Os Gregos estavam reunidos no istmo e haviam resolvido, com um decreto, que se agregariam a Alexandre, na guerra contra os Persas” (14. 1; *Alex.* p. 34) [εἰς δὲ τὸν Ἴσθμὸν τῶν Ἑλλήνων συλλεγέντων καὶ ψηφισαμένων ἐπὶ Πέρσας μετ’ Ἀλεξάνδρου στρατεύειν]. A oposição conceitual refletiu-se também no comportamento de Alexandre: “Em geral, Alexandre era muito altivo com os bárbaros, e mostrava-se, na presença deles, persuadido de sua origem divina: com os gregos, era mais reservado, e não se deificava senão com certa moderação” (28. 1; *Alex.* p. 56) [καθόλου δὲ πρὸς μὲν τοὺς βαρβάρους σοβαρὸς ἦν καὶ σφόδρα πεπεισμένῳ περὶ τῆς ἐκ θεοῦ γενέσεως καὶ τεκνώσεως ὅμοιος, τοῖς δὲ Ἑλλήσι μετρίως καὶ ὑποφειδομένως ἑαυτὸν ἐξεθείαζε]. Os persas “mais bravos e os mais apegados ao rei [...] agarravam-se aos Macedônios e aos pés dos cavalos.” (33. 4; *Alex.* p. 65) [οἱ δὲ ἄριστοι καὶ γενναιότατοι πρὸ τοῦ βασιλέως ... ἐμπλεκόμενοι καὶ περισπαίροντες αὐτοῖς καὶ ἵπποις.] Alexandre, virando-se para Genódoco de Cárdia e Artêmio de Colofônia, exclama: “Não vos parece que os Gregos estão, entre os Macedônios, como se fossem semideuses na presença de animais selvagens?” (51. 2; *Alex.* p. 86) [‘οὐ δοκοῦσιν ... ὑμῖν οἱ Ἕλληνες ἐν τοῖς Μακεδόσιν ὥσπερ ἐν θηρίοις ἡμίθεοι περιπατεῖν;] Alexandre se direciona aqui a um habitante de uma colônia milesia da Trácia e a um habitante de uma colônia jônica (com uma possível pré-história micênica) da Ásia Menor, que, se não vistos como helenos plenos, pertenciam talvez a uma terceira categoria¹⁸, a de não helenos e não bárbaros, como os macedônios.

Alexandre, irritado, exprime a convicção de que os helenos são superiores aos macedônios. Há, porém, aspectos, nos quais Alexandre considera os macedônios, em outras passagens, superiores aos helenos: por exemplo no

¹⁵ “The hoplite unit of 700 heavily armed armoured soldiers belonging to the Corinthian Alliance, which Alexander took with him, remained in the shadows during Alexander’s entire campaign. Alexander took these soldiers not as fighters but more as hostages and guarantors of peace in Elada and for non-combat duties like securing roads” (Skokljev-Donco/Nikolovski-Katin/Stefov 2010: 91).

¹⁶ Sobre a questão da língua do exército de Alexandre e dos macedônios veja mais adiante.

¹⁷ Um fenômeno análogo já existiu por parte das persas que chamaram todos os helenos de *yawanna*, derivado de Ἴωνες < Ἰάονες, devido ao fato que os primeiros contatos importantes com os helenos se deram com os Iônios do Leste (Ásia Menor e ilhas ao lado da Ásia Menor). Por consequência, os persas acharam que todos que falaram grego eram – ou pelo menos podiam ser chamados de – Iônios. As passagens analisadas indicam que os persas não chamaram os macedônios de *yawanna* mas de macedônios, destacando o seu pertencimento a uma categoria ou grupo diferente daqueles dos helenos.

¹⁸ Sobre o conceito da terceira categoria veja mais adiante.

âmbito militar. Esse ocorrido distanciamento do próprio grupo, ou seja, dos macedônios, do qual Alexandre fazia parte, deve ser visto mais como ato de cólera ou como uma tentativa retórica (exortativa¹⁹) para (re)motivar o exército.

Calístenes “[m]ostrou que as divisões entre os Gregos haviam sido a única causa do engrandecimento e do poder de Filipe” (53. 4; *Alex.* p. 89) [τὴν Ἑλληνικὴν στάσιν αἰτίαν ἀποφάναντα τῆς γενομένης περὶ Φίλιππον αὐξήσεως καὶ δυνάμεως]. Os Macedônios, portanto, não são helenos e conseguiram vencê-los somente em virtude da discordância entre eles, segundo o filósofo e principal historiador da campanha de Alexandre, Calístenes. A coragem de Calístenes “em dizer publicamente aquilo que, no segredo das consciências, provocava a indignação dos Macedônios mais idosos e mais honestos, pouparam uma grande humilhação aos Gregos e uma vergonha ainda maior a Alexandre, fazendo-o renunciar a homenagens de tal espécie” (54. 2; *Alex.* p. 90) [ἐν φανερωῶ διελθὼν ἃ κρύφα πάντες οἱ βέλτιστοι καὶ πρεσβύτατοι τῶν Μακεδόνων ἠγανάκτουν, τοὺς μὲν Ἑλληνας αἰσχύνης ἀπήλλαξε μεγάλης, καὶ μείζονος Ἀλέξανδρον, ἀποτρέψας τὴν προσκύνησιν]. Plutarco, aqui, sendo heleno, assume a perspectiva dos helenos a respeito das intenções de Alexandre, de se deixar venerar, não somente pelos persas, mas também pelos helenos e macedônios como se fosse um deus-rei persa. Na maioria das vezes, quando Plutarco conta histórias do exército, ele fala de macedônios e não de helenos. É óbvia a existência de uma distinção, mais ou menos clara, entre macedônios e helenos para Plutarco. Porém, não pode ser descartada a possibilidade de ele utilizar “helenos” mesmo quando os atuantes de uma certa ação não são helenos e sim, neste caso, macedônios: por exemplo quando “os Gregos apelidavam-no [o indiano Stines; R.G.] Calano.” (65. 3; *Alex.* p. 103) [Καλανὸς ὑπὸ τῶν Ἑλλήνων ὠνομάσθη]. Resta saber se somente os integrantes helênicos do exército apelidaram-no dessa maneira.²⁰

Em algumas ocasiões, Plutarco descreve tratamentos especiais dos macedônios por parte de Alexandre, que, por exemplo, “pagou todas as dívidas dos Macedônios²¹” (70. 2; *Alex.* p. 108) [ὑπὲρ τῶν ὀφειλόντων αὐτὸς διαλύσας]. Por outro lado, o próprio Alexandre tinha uma dívida com os macedônios, pois sua glória é devida a eles. Eles, por sua vez, lembrando-se disso, o criticaram: “Serviu-se de nós para tudo o que quis, e agora nos repele ignominiosamente [...] Que despeça então a todos e olhe para todos os Macedônios como inúteis à sua glória²²” (71. 2; *Alex.* p. 109) [ἀνθρώποις ἀποχρησάμενον εἰς ἅπαντα νῦν

¹⁹ Do tipo dos discursos de *veikos*, encontrados na *Ilíada*, quando um herói repreende outro com duras palavras (inicialmente), para depois de uma reação positiva do criticado seguir em frente com palavras (mais) conciliadoras.

²⁰ Além disso, é possível que Plutarco, ao falar dos macedônios, incluiu às vezes membros de vez em quando incluiu membros de outros povos integrantes do exército de Alexandre.

²¹ No texto grego não consta a palavra “macedônios”, mas o contexto justifica tal tradução.

²² No texto grego não constam as palavras “à sua glória”.

ἀποτίθεσθαι σὺν αἰσχύνῃ ... πάντας οὖν ἐκέλευον ἀφιέναι καὶ πάντας ἀχρήστους νομίζειν Μακεδόνας]. É clara uma ligação emocional mais estreita entre Alexandre e os macedônios (e vice-versa) que com os helenos: “os Macedônios, que o julgavam morto, foram até às portas do paço, levantando grandes gritos, e obrigaram com ameaças seus companheiros da guarda a permitir-lhes a entrada” (76. 4; *Alex.* p. 114) [τοῖς Μακεδόσιν ἔδοξε τεθνάναι, καὶ κατεβῶν ἐλθόντες ἐπὶ τὰς θύρας, καὶ διηπειλοῦντο τοῖς ἐταίροις ἕως ἐβιάσαντο καὶ τῶν θυρῶν αὐτοῖς ἀνοιχθεισῶν]. Isso mostra que a guarda de Alexandre era constituída em boa parte por macedônios. Também depois da morte de Alexandre, a Hélade e a Macedônia continuaram a ser duas coisas diferentes. Cassandro, por exemplo, era considerado “rei da Macedônia, e senhor da Grécia”²³ (74. 4; *Alex.* p. 113).

Tendo em vistas o fechamento dessa seção do estudo, vale ressaltar os tebanos, que parecem que parecem serem tratados de forma especial, sempre positiva, por Plutarco; talvez por causa do seu patriotismo local, uma vez que ele mesmo foi de Queroneia, e Tebas pertencia à mesma região, à Beócia. Os tebanos, segundo Plutarco, convidaram os outros helenos “que quisessem concorrer para a libertação da Grécia a se enfileirarem entre eles” (11. 4; *Alex.* p. 32) [τοὺς τὴν Ἑλλάδα βουλομένους συνελυθεροῦν τάττεσθαι μετ’ αὐτῶν]. A intenção era, portanto, libertar a Hélade do domínio macedônico, que, obviamente, veio de fora da Hélade. Plutarco destaca as virtudes dos tebanos, mais do que as dos outros helenos:

ἠγωνίσθη μὲν οὖν ὑπὲρ δύναμιν ἀρετῆ καὶ προθυμίας παρὰ τῶν Θηβαίων πολλαπλασίοις οὐσι τοῖς πολεμίοις ἀντιταχθέντων ἐπεὶ δὲ καὶ τὴν Καδμείαν ἀφέντες οἱ φρουροὶ τῶν Μακεδόνων ἐπέπιπτον αὐτοῖς ἐξόπισθεν

Os soldados tebanos defenderam-se com coragem e ardor superiores a suas forças, pois o inimigo era infinitamente mais numeroso; a vitória, porém, só se tornou decisiva no momento em que as tropas macedônias que ocupavam a Cadméia atacaram os Tebanos pela retaguarda (11. 5; *Alex.* p. 32).

Em seguida Alexandre deixou destruir Tebas.²⁴ Ele “acreditou que esse exemplo de rigor produziria espanto e pavor entre os outros povos da Grécia e os obrigaria ao respeito” (11. 5; *Alex.* p. 32) [τὸ μὲν ὅλον προσδοκήσαντος αὐτοῦ τοὺς Ἕλληνας ἐκπλαγέντας πάθει τηλικούτῳ καὶ πτήξαντας ἀτρεμήσειν]. Os tebanos foram vistos como um dos povos da Hélade, contra os quais os macedônios atacaram, com o objetivo de tirar a liberdade dos helenos.²⁵ Plutarco

²³ Tradução livre do texto grego “Μακεδόνων βασιλεύοντα καὶ κρατοῦντα τῆς Ἑλλάδος”.

²⁴ “O ataque contra Tebas, pelo relevo que tem na narrativa de Plutarco, aparece como um teste decisivo à capacidade de Alexandre e às reacções do seu carácter.” (De Fátima Silva 2012: 5)

²⁵ Aqui não pode ser tematizado se esse ataque dos macedônios contra a Hélade foi sentido pela maioria dos helenos do século IV a.C. como algo mais ou menos igual ao ataque dos persas

conta a história de uma mulher tebana valente, Timocleia, que era irmã de Teageno, que combateu, em vão, pela liberdade dos helenos em Queroneia. Isso demonstra a conexão afetiva entre Tebas e Queroneia e afirma o afeto especial que Plutarco tinha por Tebas. Para ele, até o macedônio Alexandre admirou a virtude e a coragem da cidade.²⁶ Na ótica plutarquiana, ao que parece, tudo que vinha da Trácia era ruim, enquanto tudo que vinha de Tebas era positivo. O próprio biógrafo, portanto, tem predileções e não escreve história de modo neutro, mas sim, até certo grau, de modo tendencioso.

Segundo Plutarco, também os atenienses sentiram pelos tebanos.²⁷ Alexandre

Ἀθηναίοις δὲ διηλλάγη, καίπερ οὐ μετρίως ἐνεγκοῦσι τὸ περὶ Θήβας δυστύχημα· καὶ γὰρ τῆν τῶν μυστηρίων ἑορτὴν ἐν χερσὶν ἔχοντες ὑπὸ πένθους ἀφῆκαν, καὶ τοῖς καταφυγοῦσιν ἐπὶ τὴν πόλιν ἀπάντων μετεδίδοσαν τῶν φιλανθρώπων.

[r]econciliou-se com os Atenienses, apesar da profunda dor que estes demonstram quando souberam da desventura dos tebanos. Haviam eles renunciado, em sinal de luto, a celebrar a festa dos mistérios²⁸ [...] e haviam tratado com infinitas manifestações de humanidade os tebanos que se refugiaram em Atenas. (13. 1; *Alex.* p. 33)

Depois da destruição de Tebas, Alexandre, segundo Plutarco, ainda “manifestava sincero arrependimento ao lembrar-se da desgraça dos tebanos” (13. 2; *Alex.* p. 34) [αὐτὸν ἢ Θηβαίων ἀνιάσῃ συμφορᾷ] e até

ὄλως δὲ καὶ τὸ περὶ Κλεῖτον ἔργον ἐν οἴνῳ γενόμενον καὶ τὴν πρὸς Ἰνδοῦς τῶν Μακεδόνων ἀποδειλίασιν, ὥσπερ ἀτελῆ τὴν στρατείαν καὶ τὴν δόξαν αὐτοῦ

no século V a. C. Fato é que Filipe e Alexandre logo tentaram mostrar, que havia um inimigo comum (os persas) da Hélade e das regiões ao redor dela. Pelo menos, na perspectiva dos macedônios existiu, portanto, um inimigo da Hélade mais hostil do que eles.

²⁶ “Teageno, aquele que combateu contra Filipe pela liberdade dos Gregos e que foi morto em Queroneia enfrentando o exército tebano [aqui há um erro de tradução: no texto grego nem se encontram as palavras ‘o exército tebano’ – que, aliás, não foi enfrentado por Teageno, mas por Filipe; R.G.]. Alexandre admirou a resposta e o ato por ela praticado, e mandou que a soltassem e aos filhos.” (12. 3; *Alex.* p. 33) [Θεαγένου ἀδελφῆ γεγονέναι, τοῦ παραταξαμένου πρὸς Φίλιππον ὑπὲρ τῆς τῶν Ἑλλήνων ἐλευθερίας καὶ πεσόnton ἐν Χαιρωνείᾳ στρατηγούnton. θαυμάσας οὖν ὁ Ἀλέξανδρος αὐτῆς καὶ τὴν ἀπόκρισιν καὶ τὴν πρᾶξιν, ἐκέλευσεν ἐλευθέραν ἀπιέναι μετὰ τῶν τέκνων.]

²⁷ Talvez isso não seja verdadeiro historicamente – pelo menos não no sentido generalizado de que todos os atenienses sentiam a perda –, uma vez que Tebas travou guerra contra Atenas no decorrer do próprio século IV a.C.

²⁸ Talvez a festa deixou de ser celebrada, não pelo luto pelos tebanos, mas por outros motivos: por exemplo porque os atenienses sabiam que Atenas perderia definitivamente a sua autonomia para os macedônios ou porque Atenas estava em luto pelos mortos atenienses.

προεμένων, εἰς μῆνιν ἀνήγε Διονύσου καὶ νέμεσιν. ἦν δὲ Θηβαίων οὐδεὶς τῶν περιγενομένων ὃς ἐντυχῶν τι καὶ δεηθεὶς ὕστερον οὐ διεπράξατο παρ' αὐτοῦ, ταῦτα μὲν τὰ περὶ Θήβας.

[c]hegou mesmo a atribuir ao ressentimento e à vingança de Baco²⁹ o assassino de Clito, que ele matara em estado de embriaguez, e a covardia dos Macedônios, que se recusaram a segui-lo às Índias, deixando incompletas [...] sua expedição e sua glória. E jamais, a partir dessa época, não houve, entre os sobreviventes, um único tebano que a ele se dirigisse inutilmente para obter algum benefício.³⁰ Isso, no que concerne a Tebas. (13. 3; *Alex.* p. 34)

ATOS BÁRBAROS DE NÃO BÁRBAROS

O adjetivo “bárbaro”, pelo menos, desde a metade do primeiro milênio a. C.³¹ não foi somente usado em contextos nos quais se falou sobre aqueles que não eram helenos. Ele foi também aplicado em seu sentido derivado, figurativo e moderno.³² Apesar de terem cometidos alguns atos bárbaros, os macedônios nunca são chamados de bárbaros na *Vida de Alexandre*. O mesmo vale para os trácios, que parecem pertencer à mesma terceira categoria de não bárbaros e não helenos como os macedônios.³³ Na *Vida de Alexandre* os próprios helenos não

²⁹ Dioniso estava ligado estreitamente à Índia como também a Tebas na época de Alexandre (e já em Eurípidés), segundo Plutarco. Seria interessante saber se os macedônios já antes do século V conectaram Dioniso a esses dois lugares ou se isso foi efeito do contato com Eurípidés. Sobre Eurípidés e os macedônios veja Guggenberger 2016: 137-138, rodapé 21.

³⁰ Esses benefícios em favor de beócios, compatriotas de Plutarco, podem ser um dos motivos pelos quais Plutarco apresentou Alexandre, na maioria dos episódios contados, de modo positivo.

³¹ Em Homero ainda não se encontra esse adjetivo, mas somente uma vez o *compositum* barbarófono que designava alguém cujas expressões linguísticas não eram compreendidas. Homero “nem usa o termo ‘bárbaro’, e isso, ao meu ver, porque, no seu tempo, os helenos ainda não eram conhecidos por um nome só, definido como algo separado do mundo de fora” (Th. 1. 3. 3).

³² O primeiro testemunho disso é um fragmento de Heráclito (DK 22 B 107), no qual consta κακοὶ μάρτυρες ἀνθρώποισιν ὀφθαλμοὶ καὶ ὤτα βαρβάρους ψυχὰς ἐχόντων (más testemunhas para homens são olhos e orelhas, se eles tiverem almas bárbaras). “The Greek word *barbaros* refers particularly to any person, language or culture that is not Greek. In fact the etymology of this word is thought to come from the onomatopoeic sound of non-Greek speakers. Here Heraclitus makes a distinction between ‘barbarian souls’ and those that are not barbarian, i.e., those souls that participate in the ‘common’ cultural and linguistic community.” (O’Connell 2006: 35) Para uma discussão mais ampla deste fragmento veja Wilcox 1991. O nosso trabalho refutará essa opinião comum, articulada por O’Connell e os seus precedentes, mostrando que não todos os não helenos eram chamados automaticamente de bárbaros.

³³ Sobre a relatividade e a dependência ocasional e epocal da aplicação do termo “bárbaro”: “Without Greeks there would be no Barbarians, but equally without Barbarians there would be no Greeks. For Thucydides, that is a logical postulate. Yet there was a time, the time of yore, when Greeks, or rather future Greeks, arose out of Barbarian emigrations: first and foremost were the Athenians. For they belonged to the Pelasgian people. And the Pelasgians, Herodotus ‘concluded’, were ‘Barbarian’ and spoke a ‘Barbarian language’: ‘The Athenians, being themselves

cometeram atos perversos,³⁴ mas sim os trácios e – raramente – Alexandre e os macedônios.

Os trácios atacaram Tebas, integrando o exército de Filipe. Nesta ocasião “alguns soldados³⁵ trácios arrasaram a casa de Τι|μοκλεία [...] o próprio comandante, depois de a violar e a desonrar, perguntou-lhe se tinha ouro ou prata escondido” (12. 1; *Alex.* p. 32-33) [Θρᾶκῆς τινες ἐκκόψαντες οἰκίαν Τιμοκλείας ... ὁ δὲ ἡγεμῶν τῆ γυναικὶ πρὸς βίαν συγγενόμενος καὶ καταισχύνας, ἀνέκρινεν εἷ που χρυσίον ἔχοι κεκρυμμένον ἢ ἀργύριον]. Plutarco etimologiza o verbo “tracizar” (θρησκεύειν) e o associa a ritos bárbaros dos trácios:

ἡ δὲ Ὀλυμπιάς μᾶλλον ἐτέρων ζηλώσασα τὰς κατοχὰς καὶ τοὺς ἐνθουσιασμοὺς ἐξάγουσα βαρβαρικώτερον ὄφεις μεγάλους χειροῆθεις ἐφείλκετο τοῖς θιάσοις, οἱ πολλάκις ἐκ τοῦ κιττοῦ καὶ τῶν μυστικῶν λίκνων παραναδύομενοι καὶ περιελιττόμενοι τοῖς θύρσοις τῶν γυναικῶν καὶ τοῖς στεφάνοις ἐξέπληττον τοὺς ἄνδρας.

Olimpíada, mais dedicada que as outras a estas mesmas superstições, e cujo fanatismo, ademais, tinha origem num aparato totalmente bárbaro, arrastava, nos coros de danças, serpentes domesticadas, que, deslizando fora da hera e das joias místicas, se enrolavam em torno dos tirsos dessas mulheres, e entrelaçavam-se em suas coroas, provocando o espanto na assistência. (2. 6; *Alex.* p. 20)

Olimpíada, mãe de Alexandre, geralmente é representada negativamente por Plutarco,³⁶ enquanto Filipe, o pai, é retratado de modo muito mais positivo – exceto quando recriminado por atos cometidos sob efeito da bebida – e suas

Pelasgian, changed their language when they were absorbed into the Greek family of nations’ (Hdt. 1 57. 2-3). Hecataeus of Miletus had an even more cut-and-dried view of the situation: the Peloponnese and virtually the whole of Greece had in the past been inhabited by Barbarians. Greekness was thus something that could be acquired, following a period of apprenticeship, at least, in those early periods when the divisions between peoples, spaces and costumes were, so to speak, still in gestation. [...] But these earlier times have seemingly disappeared forever, especially the possibility that Barbarians could transform into Greeks.” (Hartog 2015: 32)

³⁴ Plutarco não atribuiu nessa obra o adjetivo “bárbaro” aos comportamentos dos helenos.

³⁵ Essa palavra não consta no texto grego.

³⁶ “[...] alterações violentas, que, exasperando Alexandre, eram fomentadas pelo caráter arrogante de Olimpíada, mulher de índole ciumenta e vingativa.” (9. 3; *Alex.* p. 28-29) [πολλὰς αἰτίας καὶ μεγάλας διαφορὰς παρεῖχον, ἃς ἡ τῆς Ὀλυμπιάδος χαλεπότης, δυσζήλου καὶ βαρυθύμου γυναικός, ἔτι μείζονας ἐποίει, παροξυνούσης τὸν Ἀλέξανδρον.] “Atribuiu-se a Olimpíada a parte mais importante neste crime [o assassino de Filipe; R.G.]: acusavam-na de ter excitado o moço [o assassino Pausânias; R.G.], já irritado, contra o rei” (10. 4; *Alex.* p. 30) [τὸ μὲν πλείστον εἰς Ὀλυμπιάδα τῆς αἰτίας περιήλθεν, ὡς θυμουμένῳ τῷ νεανίσκῳ προσεγκελευσαμένην καὶ παροξύνουσαν]. Alexandre “manifestou sua indignação a Olimpíada, que se satisfizera, durante sua ausência, com uma vingança cruel contra Cleópatra.” (10. 4; *Alex.* p. 31) [τὴν Κλεοπάτραν ἀποδημούντος αὐτοῦ τῆς Ὀλυμπιάδος ὡμῶς μεταχειρισαμένην ἠγανάκτησε.]

ações não são destacadas como bárbaras. Plutarco, mesmo sendo heleno, aceita muito mais os comportamentos do macedônio Filipe do que os de Olímpíada, que é oriunda de Epiro e parte dos epirotas foram eventualmente vistos como helenos.³⁷

A destruição de Tebas por parte de Alexandre, dos macedônios e dos trácios foi considerada uma façanha bárbara por Plutarco, que, por outro lado, reconheceu o esforço de Alexandre para compensá-la, ao dizer que Alexandre opôs “a uma façanha tão atroz e bárbara³⁸ um ato luminoso de bondade” (13. 2; *Alex.* p. 33) [ἐπιεικὲς ἔργον ὠμοτάτῳ καὶ σκυθρωποτάτῳ παραβαλεῖν βουλόμενος]. Esse não foi o único ato bárbaro cometido por Alexandre:

συνηέχθη καὶ τὰ περὶ Κλεῖτον, οὕτῳ μὲν ἀπλῶς πυθόμενοις τῶν κατὰ Φιλῶταν ἀγριώτερα λόγῳ μέντοι συντιθέντες ἅμα καὶ τὴν αἰτίαν καὶ τὸν καιρὸν, οὐκ ἀπὸ γνώμης, ἀλλὰ δυστυχία τινὶ ταῦτα εὐρίσκομεν πεπραγμένα τοῦ βασιλέως, ὀργὴν καὶ μέθην πρόφασιν τῷ Κλείτου δαίμονι παρασχόντος.

verificou-se o assassinio de Clito, fato que, à primeira vista, pode parecer mais bárbaro³⁹ do que o da morte de Filotas [também causada por Alexandre; R.G.], mas que, considerado em sua causa e em suas circunstâncias, tem pelo menos a atenuante de não ter sido precedido de premeditação: a cólera e a embriaguez do rei deram causa ao infeliz destino de Clito. (50. 1; *Alex.* p. 84)

Além desses dois, Alexandre matou um terceiro compatriota macedônico: “Menandro, um de seus cortesãos, por ele nomeado comandante de uma fortaleza, não quis aí ficar. Então, o rei matou-o com suas próprias mãos⁴⁰” (57. 2; *Alex.* p. 93) [Μένανδρον τινὰ τῶν ἑταίρων ἄρχοντα φρουρίου καταστήσας, ὡς οὐκ ἐβούλετο μένειν, ἀπέκτεινε]. Também não se absteve de usar jovens e crianças da própria Macedônia para alcançar objetivos militares: “Sitiou outra fortaleza, em lugar não menos íngreme, e atacou-a comandando os macedônios mais moços” (58. 3; *Alex.* p. 94) [ἐτέρᾳ δὲ ὁμοίως ἀποτόμῳ προσβαλὼν τοὺς νεωτέρους τῶν Μακεδόνων παρώρμα]. Quando certos inimigos retiraram-se,

³⁷ A região do Epiro foi parte integral do mundo mitológico dos helenos. O segundo mais importante dos oráculos, o de Dodona, ficava na região. Mas mesmo assim, a região (pelo menos não toda ela) não era considerada helênica e os epirotas não eram considerados helenos, pelo menos não em todas as épocas da Antiguidade. Eles não podiam, por exemplo, participar dos Jogos Olímpicos. E quando Péricles, em 448 a.C., convidou todos os helenos para participar de um congresso pan-helênico, somente os epirotas até a altura da cidade de Ambrácia foram convidados.

³⁸ No texto grego não consta a palavra “bárbara”, mas σκυθρωποτάτῳ.

³⁹ Essa palavra não consta no texto grego.

⁴⁰ No texto grego consta somente que Alexandre o matou, sem informar como.

πρὸς αὐτοὺς ἀπιόντας ἐν ὁδῷ λαβὼν ἅπαντας ἀπέκτεινε, καὶ τοῦτο τοῖς πολεμικοῖς ἔργοις αὐτοῦ, τὰ ἄλλα νομίμως καὶ βασιλικῶς πολεμήσαντος, ὥσπερ κηλὶς πρόσσεστιν ... οἱ φιλόσοφοι πράγματα παρέσχον αὐτῷ, τοὺς τε προστιθεμένους τῶν βασιλέων κακίζοντες καὶ τοὺς ἐλευθέρους δῆμους ἀπιστάντες. διὸ καὶ τούτων πολλοὺς ἐκρέμασε.

Alexandre surpreendeu-os no caminho, e fê-los passar todos a fio de espada. Essa cilada pérfida aparece como uma mancha na vida militar de Alexandre, que até então fizera a guerra com lealdade e como rei. Os filósofos do país [da Índia; R.G.] [...] lhe criaram [...] dificuldades [...] por isso, ele mandou enforcar grande número desses sábios. (59. 3-4; *Alex.* p. 96)

Por ocasião do luto pelo amigo Heféstio, Alexandre fez os Cosseanos “passar todos a fio de espada, inclusive mulheres e crianças. Esta horrível carnificina foi chamada o sacrifício fúnebre de Hefestion.” (72. 3; *Alex.* p. 110) [κατεστρέφετο, πάντας ἡβηδὸν ἀποσφάπτων· τοῦτο δὲ Ἡφαιστιῶνος ἐναγισμὸς ἐκαλεῖτο.] É interessante notar que, apesar dessas crueldades, às vezes denominadas literalmente de bárbaras, Alexandre e os Macedônios nunca foram chamados de bárbaros. Parece que o fato de cometer atos bárbaros não faz um povo ser bárbaro, se o mesmo já não foi considerado bárbaro por outros motivos.

AVERSÕES E MENOSPREZOS DOS HELENOS E MACEDÔNIOS CONTRA OS BÁRBAROS

Ser considerado bárbaro não significa automaticamente ser inimigo daqueles que não são considerados bárbaros – no caso de Plutarco, os helenos, mas também os macedônios e outros. Porém, há vários momentos nos quais aqueles que não são bárbaros exprimem e demonstram aversões contra os bárbaros.⁴¹

⁴¹ É, porém, importante frisar que os diferentes helenos tinham imagens diferentes dos bárbaros. “Niemand in der griechischen Geschichte hat es nur *einen* Blick in den Orient gegeben. Dafür war Hellas mit seinen hunderten von Poleis und zahlreichen Ethnien politisch und kulturell viel zu heterogen. [...] Der Vielfalt griechischer Zugänge zu Lebensweise und Traditionen der selbst höchst vielfältigen orientalischen Kulturen, die lange Zeit der eher gebende denn nehmende Part in den griechisch-orientalischen Kulturkontakten waren, stehen allerdings, vor allem ab der Zeit der Perserkriege (490-479 v. Chr.), Bilder des Orients gegenüber, die wenig Raum für Differenzierungen und Nuancen lassen. Dem klar bestimmten Eigenen steht das ganz andere, oft genug bedrohliche oder minderwertige Fremde gegenüber.“ (Wiesehöfer 2009: 87) Expressões disso encontram-se também na arte: “Scorn for the Persian enemy finds caricatured expression on a little wine-jar from the sixties of the fifth century. It shows a Greek wearing a chlamys [short cloak], with his erect member in his hand, advancing with long strides upon a Persian archer, who turns his back on him, leaning forwards with his hands framing his face“ (Lissarrague 2002: 118). “The Persian Wars are traditionally seen as a radical juncture between the archaic and classical periods. The military confrontation and the Greek victory created a new world, polarised between Greeks and Barbarians. The ensuing classical period was the time when the Greeks were ‘inventing the barbarian’ and

A cortesã Taís da Ática incentivou a “queimar a casa desse Xerxes que incendiou Atenas” [κωμάσασα τὸν Ξέρξου τοῦ κατακαύσαντος τὰς Ἀθήνας οἶκον] e vangloriou-se pelo fato de que todos diriam “que as mulheres do acampamento de Alexandre vingaram melhor a Grécia dos males que lhe fizeram padecer os Persas, do que todos os generais” (38. 2; Alex. p. 70) [στρατηγῶν τὰ μετὰ Ἀλεξάνδρου γύναια μείζονα δίκην ἐπέθηκε Πέρσαις ὑπὲρ τῆς Ἑλλάδος].⁴² Esse é o único episódio de ódio dos helenos contra os persas narrado na *Vida de Alexandre*, enquanto são pelo menos dois dos macedônios contra bárbaros.

Filipe, por exemplo, mostra desprezo para com aqueles que se misturam não somente com bárbaros, mas até com aqueles dominados por bárbaros.⁴³ Ele repreendeu o seu filho “com os termos mais violentos e amargos, tratando-o [Alexandre] de covarde e indigno dos bens que lhe eram destinados, pois procurava ligar-se com um Cariano⁴⁴, com o escravo de um rei bárbaro.”

investing heavily in this invention. Greeks became highly aware of their common cultural and ethnic characteristics, while categorising all non-Greek people as Barbarians, who lacked Greek virtues and exhibited all non-Greek vices, such as luxury, effeminacy, despotism and lack of self-control. If the archaic period was characterised by exchange and Near Eastern influence on Greek culture, the classical period is characterised by confrontation and polarity. Alexander's conquest of the Persian Empire is then seen as a new radical change of the plot. [...] The creation of new settlements by the Hellenistic kings, which took the form of Greek poleis, was based on the migration of Greeks into Egypt and the Near East, and played an important role in the spread of Greek culture. The reformulation of Hellenicity as a cultural identity, which took place primarily in classical Athens, made it relatively easy for non-Greeks to acquire a Greek education and to adopt Greek culture [...] Given the large numbers of non-Greeks who had adopted Greek culture, the old, polar distinction between Greeks and Barbarians progressively lost much of its importance in the course of the Hellenistic period.” (Vlassopoulos 2013: 8) Como o nosso trabalho mostrará, tal polarização não gerou somente a divisão em helenos e bárbaros, mas também um terceiro gênero, chamada por nós de terceira categoria.

⁴² „Die Athener bezogen aus ihren Siegen bei Marathon und Salamis nicht nur enormes politisches Selbstbewusstsein, sondern leiteten aus ihnen letztlich auch das Recht zur Barbarenverachtung und die Legitimation zur Herrschaft über Hellas ab“ (Wiesehöfer 2009: 88). „Die pseudo-hippokratische Schrift ‘Über die Umwelt’ führte [...] die Schwächen der persischen und die Stärken der griechischen Lebensweise auf deren klimatische Bedingungen zurück, und die athenische Komödie (Aristophanes) karikierte persischen Despotismus, persisches Luxusbedürfnis und die bereits erwähnte ‘Persermode’ athenischer Aristokraten zugleich.“ (Wiesehöfer 2009: 90) „Ganz anders verlief die Entwicklung innerhalb der griechischen Bildkunst: Dort wurden die Perser in der zweiten Hälfte des 5. Jhs. und im beginnenden 4. Jh. gerade nicht Gegenstand diffamierender Charakterisierung, sondern erschienen im Gegenteil mehr und mehr als Vertreter einer ‘bewunderten Luxus-’ oder gar einer ‘erträumten Genusswelt’ (S. Muth)” (Wiesehöfer 2009: 92).

⁴³ “Earlier in Alexander's own century, the Spartan king, Agesilaus, had enjoyed considerable successes in Asia Minor, and of course, Philip, Alexander's father, had been ready to march against the Persian empire at the time of his murder (336 B.C.).” (Robinson 1957: 328)

⁴⁴ Os cários do século IV a.C. pertenciam, ao ver dos helenos, talvez à mesma categoria como Filipe e os macedônios, uma vez que a pátria deles ficava também nas (ou além das)

(10. 3; *Alex.* p. 30) [πικρῶς ἐλοιδόρησεν ὡς ἀγεννή καὶ τῶν ὑπαρχόντων περὶ αὐτὸν ἀγαθῶν ἀνάξιον, εἰ Καρὸς ἀνθρώπου καὶ βαρβάρῳ βασιλεῖ δουλεύοντος ἀγαπᾶ γαμβρὸς γενέσθαι.] Neste aspecto Alexandre distinguuiu-se fundamentalmente de seu pai, por apreciar a mistura de culturas. Mais tarde e justamente no contexto da realizada valorização dos bárbaros por parte de Alexandre, Clito o acusou: “É indigno – gritou – na presença de bárbaros, e especialmente de bárbaros inimigos⁴⁵, esses ultrajes para macedônios que foram mal sucedidos, mas que têm muito mais valor do que os que os insultam” (50. 5; *Alex.* p. 85) [οὐ καλῶς ἐν βαρβάροις καὶ πολεμίοις ὑβρίζεσθαι Μακεδόνας πολὺ βελτίονας τῶν γελώντων, εἰ καὶ δυστυχία κέχρηνται]. Depois de ter apresentado esses menosprezos dos bárbaros por parte de macedônios pertencentes à geração anterior a Alexandre, deve-se destacar que Plutarco não narra tais episódios de menosprezo dos bárbaros quando trata de Alexandre.

Os contatos de Alexandre com os bárbaros são descritos puramente em termos do avanço militar contra os mesmos e as consequências disso: “Precipitou-se, então, com seu exército, sobre as margens do Íster, e em pouco tempo sufocou as agitações dos bárbaros” (11. 3; *Alex.* p. 31) [τὰ μὲν οὖν βαρβαρικὰ κινήματα καὶ τοὺς ἐκεῖ πολέμους κατέπαυσεν ὀξέως ἐπιδραμῶν στρατῶ μέχρι πρὸς τὸν Ἰστρον]; “rôs em fuga os bárbaros que tinha defronte” (20. 4; *Alex.* p. 44) [φυγὴν ἐποίησε τῶν καθ’ αὐτὸν βαρβάρων]; “[e]ncontrou os Macedônios ocupados em saquear o acampamento dos bárbaros” (20. 6; *Alex.* p. 44) [κατέλαβε τοὺς Μακεδόνας τὸν μὲν ἄλλον πλοῦτον ἐκ τοῦ βαρβαρικοῦ στρατοπέδου φέροντας]. Pode-se acusar Alexandre, portanto, de ter cometido injustiças e barbaridades, mas – por outro lado – ele nunca manifestava nenhuma xenofobia, embora enfrentasse muitos bárbaros (pelo menos inicialmente) como inimigos.

margens da civilização helênica. Na Cária havia-se uma mistura de culturas. Na *Iliáda*, antes da colonização de partes dessa região pelos helenos, os cários foram justamente os únicos descritos como povo barbarófono. (*Il.* 2. 867)

⁴⁵ No texto grego consta καὶ: “bárbaros e inimigos”.

OS BÁRBAROS COMO INIMIGOS E SÚDITOS⁴⁶

Explicitamente Plutarco denomina os bárbaros mais vezes como “bárbaros” do que como “inimigos”.⁴⁷ Mas eles, de fato, servem como os inimigos principais de Alexandre.⁴⁸ Alexandre, certa vez, para evitar que os macedônios retornassem precocemente para a pátria, argumenta com a ameaça bárbara: “Até agora – disse – os bárbaros nos viram apenas em sonho. Se nos contentarmos com ter alarmado | a Ásia e regressarmos à Macedônia, eles cairão sobre nós como sobre mulheres.” (47. 1; *Alex.* p. 79-80) [λέγων ὡς νῦν μὲν αὐτοὺς ἐνύπνιον τῶν βαρβάρων ὀρώντων, ἂν δὲ μόνον ταράξαντες τὴν Ἀσίαν ἀπίωσιν, ἐπιθησομένων εὐθύς ὥσπερ γυναιξίν.] Um dos maiores desafios foram os encontros com Porus e seu exército. Ele defendeu “a passagem contra o resto dos Macedônios.” (60. 5; *Alex.* p. 97) [τοῖς διαβαίνουσι τῶν Μακεδόνων ἀπέλιπε.] “A batalha contra Porus arrefeceu o entusiasmo dos Macedônios e lhes fez perder a vontade de continuar o seu avanço.” (62. 1; *Alex.* p. 99) [τοὺς μέντοι Μακεδόνας ὁ πρὸς Πῶρον ἀγὼν ἀμβλυτέρους ἐποίησε καὶ τοῦ πρόσω τῆς Ἰνδικῆς ἔτι προελθεῖν ἐπέσχε.] Isso fez que os Macedônios resistissem “com todas as forças a Alexandre, quando este quis obrigá-los a atravessar o Ganges” (62. 1; *Alex.* p. 99) [ἰσχυρῶς Ἀλεξάνδρῳ βιαζομένῳ καὶ τὸν Γάγγην περᾶσαι ποταμόν].

⁴⁶ Alexander „had the whole body of Greek civilized opinion behind him. Euripides [IA 1400] held that it was proper (*eikos*) for ‘barbarians’ to be subject to Greeks. Plato [*Rep.* 470c-471a] and Isocrates [*Paneg.* I3. 184; *Panath.* 163] both thought of all non-Hellenes as natural enemies who could be enslaved or exterminated at will. Aristotle [*Pol.* 1256b 25] himself regarded a war against barbarians as essentially just.“ (Green 1991: 59) Aristóteles argumenta na *Ética Eudemia*: “Ninguém iria valorizar a existência pelo mero prazer de comer, ou de sexo [...] a não ser que for extremamente servil” (1215b 35), o que (com poucas exceções) é o caso dos bárbaros. Green comenta que “barbarians, it is clear, are to be despised above all because they live exclusively through and for the senses. The purely hedonistic life, in fact, was something which Aristotle taught his pupil to regard as beneath contempt. Such a doctrine must have had a strong appeal for Alexander, who always placed a premium on self-control and self-denial (at least during the earlier stages of his career), and whose enthusiastic, impressionable nature reveals a strong hero-worshipping streak. (It made no odds to him whether his hero was mythical or contemporary: he may have modelled himself on Achilles, but he was equally ready to adopt the quick-stepping gait of his old tutor Leonidas).“ (Green 1991: 60) “Greeks required to be treated as equals, to have their sense of independence [...] fostered with the greatest care. Asiatics, on the other hand, would only respond to, or respect, a show of rigorous authoritarianism [...]. Whether Aristotle intended this lesson or not, it was one that Alexander learnt all too well. As we shall see, he applied it to every individual or group with whom he subsequently came in contact.“ (Green 1991: 60)

⁴⁷ Por exemplo: „numerosas fogueiras que os inimigos [πολεμίων] haviam acendido” (24. 8; *Alex.* p. 51) [πυρὰ πολλὰ καιόμενα σποράδην τῶν πολεμίων], como também πολέμιοι (25. 1) e πολεμίους (26. 7). Uma vez as duas palavras apareceram juntas: βαρβάρους καὶ πολεμίους (50. 5).

⁴⁸ Os tessálios e os outros helenos gritaram que Alexandre “os lançasse contra o inimigo” (33. 1; *Alex.* p. 64) [ἐπέρρωσαν αὐτὸν βοῶντες ἄγειν ἐπὶ τοὺς βαρβάρους]. No texto grego não consta inimigo, mas βαρβάρους.

Além de serem os principais inimigos, os bárbaros também são súditos na narrativa de Plutarco. Depois de Alexandre ter se tornado rei dos bárbaros (!), esses quiseram fazer “conhecer ao rei a força da nação e sua natureza” (35. 2; *Alex.* p. 66) [ἐπιδεικνύμενοι δὲ τὴν φύσιν αὐτοῦ καὶ δύναμιν]. Em Persépolis, Alexandre fala com “uma grande estátua, de Xerxes, que a multidão [...] derrubara. [...] ‘Devo passar além [...] e deixar-te deitado no chão, para te castigar da guerra que moveste aos Gregos? ou levantar-te-ei, por estima de tudo o que havia de grande e generoso em tua alma?’” (37. 3; *Alex.* p. 69) [Ξέρξου δὲ ἀνδριάντα μέγαν θεασάμενος ὑπὸ πλήθους τῶν ὠθυμένων ... ‘πότερόν σε ... διὰ τὴν ἐπὶ τοὺς Ἕλληνας στρατείαν κείμενον παρέλθωμεν ἢ διὰ τὴν ἄλλην μεγαλοφροσύνην καὶ ἀρετὴν ἐγειρωμεν;’] Essa passagem deixa claro o respeito de Alexandre para com os nobres bárbaros; tema do próximo capítulo. Sinal desse respeito é, por exemplo, o fato de Dario, antes de morrer, pedir a Polistrato: “Aperta por mim a mão dele [Alexandre], como sinal de minha gratidão” (43. 2; *Alex.* p. 77) [ῥ ταύτην δίδωμι τὴν δεξιὰν διὰ σοῦ]. É, portanto, um macedônio que se apresenta como vingador dos helenos. Alexandre, no discurso recolhido (ou construído) por Plutarco, não fala com a estátua: “para te castigar da guerra que moveste ao meu povo”, mas ele fala “aos gregos”, considerando-se, então, não como um heleno. Pouco mais tarde, Alexandre diz aos macedônios que “podia submeter a terra inteira aos Macedônios” (47. 2; *Alex.* p. 80) [τὴν οἰκουμένην τοῖς Μακεδόσι κτώμενος ἐγκαταλέλειπται]. Ele não fala que iria submeter a terra aos helenos.⁴⁹

A IMAGEM HELÊNICA DA INFERIORIDADE DOS BÁRBAROS

Encontram-se exemplos da depreciação dos bárbaros e vários da valorização dos helenos – mais raramente dos macedônios – na *Vida de Alexandre*. Não sabemos se esses exemplos refletem as fontes originais usadas por Plutarco ou se refletem uma tendência do próprio Plutarco: um patriotismo helênico.

Plutarco destaca, sobretudo, a virtude e a competência do exército de Alexandre, e, por outro lado, a falta dessas qualidades positivas nos bárbaros:

φάλαγξ διέβαινε τῶν Μακεδόνων καὶ συνῆγον αἱ πεζαὶ δυνάμεις, οὐ μὴν ὑπέστησαν εὐρώστως οὐδὲ πολὺν χρόνον, ἀλλ’ ἔφυγον τραπόμενοι, πλήν τῶν μισθοφόρων Ἑλλήνων ... καὶ τοὺς πλείστους τῶν ἀποθανόντων καὶ τραυματισθέντων ἐκεῖ συνέβη κινδυνεῦσαι καὶ πεσεῖν, πρὸς ἀνθρώπους ἀπεγνωκότας καὶ μαχίμους συμπλεκομένους λέγονται δὲ πεζοὶ μὲν δισμῦριοι τῶν βαρβάρων, ἵππεις δὲ δισχίλιοι πεντακόσιοι πεσεῖν. τῶν δὲ περὶ τὸν Ἀλέξανδρον Ἀριστόβουλος φησι τέσσαρας καὶ τριάκοντα νεκροὺς γενέσθαι τοὺς πάντας, ὧν ἑννέα πεζοὺς εἶναι, τούτων μὲν οὖν ἐκέλευσεν εἰκόνας

⁴⁹ Neste caso, porém, poderia se tratar de uma estratégia retórica de Alexandre, uma vez que ele fala aos macedônios.

ἀνασταθῆναι χαλκᾶς, ἃς Λύσιππος εἰργάσατο. κοινούμενος δὲ τὴν νίκην τοῖς Ἑλλήσιν ἰδίᾳ μὲν τοῖς Ἀθηναίοις ἔπεμψε τῶν αἰχμαλώτων τριακοσίας ἀσπίδας, κοινῇ δὲ τοῖς ἄλλοις λαφύροις ἐκέλευσεν ἐπιγράψαι φιλοτιμοτάτην ἐπιγραφὴν Ἄλῆξανδρος ὁ Φιλίππου καὶ οἱ Ἑλληνες πλὴν Λακεδαιμονίων ἀπὸ τῶν βαρβάρων τῶν τὴν Ἀσίαν κατοικούντων

A [falange] dos Persas mostrou-se pouco vigorosa, e não ofereceu prolongada resistência: foi em curto tempo desbaratada e se pôs em fuga, com exceção dos mercenários gregos [...]. Foi quase exclusivamente nesta ocasião que Alexandre teve mortos e feridos, pois enfrentava homens desesperados e cheios de bravura. Diz-se que nesta batalha morreram vinte mil homens de infantaria e dois mil e quinhentos cavaleiros, do lado dos bárbaros. Segundo Aristóbulo, não houve, do lado de Alexandre, senão trinta e quatro mortos, entre os quais nove de infantaria. O rei fez erigir a todos estátuas de bronze, esculpidas por Lisipo. Associou os Gregos à honra de sua vitória, enviando, particularmente, aos Atenienses, trezentos escudos dos que tomara aos inimigos, e fazendo gravar, em nome de toda a Grécia, esta gloriosa inscrição sobre o resto dos espólios: “Alexandre, filho de Filipe, e os Gregos, excetuados os Lacedemônios, tomaram isto aos bárbaros que habitam a Ásia” (16. 6-8; *Alex.* p. 38-39).

Plutarco, portanto, salienta que Alexandre sofreu quase exclusivamente perdas quando enfrentava outros helenos, que estavam no serviço dos persas. Como também era o caso no ataque “das províncias marítimas do Império persa [...] As cidades de Halicarnasso e de Miletos foram as únicas a opor resistência” (17. 1; *Alex.* p. 39) [τῆς ἐπὶ θαλάσσει τῶν βαρβάρων ἡγεμονίας ... μόνη δὲ Ἀλικαρνασσὸς ἀντέστη καὶ Μίλητος], sendo elas de origem grega. É um *topos* comum, relacionar os bárbaros à covardia: “As fileiras da frente ainda não chegaram a agir, e já os bárbaros estavam em fuga” (33. 3; *Alex.* p. 64) [πρὶν δὲ συμμείξαι τοὺς πρώτους ἐξέκλιναν οἱ βάρβαροι]. E “os cavaleiros de Dario em grande parte debandaram, tomados de pânico” (33. 4; *Alex.* p. 65) [ἐξέπληξε καὶ διεσκέδασε τὸ πλεῖστον].

Encontram-se, porém, na *Vida de Alexandre* também exemplos contrários, que mostram bárbaros resistentes e macedônios preocupados:

οὔτε γὰρ τὰ βάρβαρα καὶ πρόσοικα γένη τὴν δούλωσιν ἔφερε ... οὔτε τὴν Ἑλλάδα κρατήσας τοῖς ὅπλοις ὁ Φίλιππος οἷον καταζευῆσαι καὶ τιθασεῦσαι χρόνον ἔσχεν ... φοβουμένων δὲ τῶν Μακεδόνων τὸν καιρὸν, καὶ τὰ μὲν Ἑλληνικὰ πάντως ἀφεῖναι ... τοὺς δὲ ἀφισταμένους τῶν βαρβάρων ἀνακαλεῖσθαι πρῶτος καὶ θεραπεύειν τὰς ἀρχὰς τῶν νεωτερισμῶν

Os povos bárbaros dos países vizinhos não se resignavam, de fato, à servidão [...] Por outro lado, Filipe, apesar de ter subjugado a Grécia pela força das armas, não tivera tempo de domá-la e submetê-la [...] Os Macedônios, apreensivos com esta situação crítica, aconselhavam a Alexandre o abandono total da Grécia [...]

“Era preciso – diziam – acalmar com brandura os bárbaros revoltados” (11. 1-2; *Alex.* p. 31).

Mais tarde, nas batalhas contra Porus, serão sublinhadas a força e a audácia dos bárbaros, que farão frente à competência militar dos macedônios.

O RESPEITO COM OS BÁRBAROS

A despeito das aversões e do menosprezo que os helenos e também os macedônios demonstram para com bárbaros, existem vários exemplos na *Vida de Alexandre* que comprovam que isso não exclui a possibilidade de alguns helenos e macedônios manifestarem o respeito e estima aos bárbaros. Plutarco indica o próprio Alexandre como o que mais honra os bárbaros. Alexandre, enquanto ainda príncipe, “recebeu alguns embaixadores do rei da Pérsia” (5. 1; *Alex.* p. 23) [τοὺς δὲ παρὰ τοῦ Περσῶν βασιλέως πρέσβεις ἤκοντας]. Mais tarde, Alexandre rodeava-se de bárbaros: “Quando os Macedônios o viram cercado pelos estrangeiros, enquanto eles eram repelidos e tratados com ignomínia, perderam toda a altivez” (71. 3; *Alex.* p. 109) [ὑφ’ ὧν ὀρώντες αὐτὸν παραπεμπόμενον, αὐτοὺς δὲ ἀπειργομένους καὶ προπηλακιζομένους, ἐταπεινοῦντο]. Sobretudo com os nobres bárbaros, Alexandre mostrou-se hospitaleiro e generoso: por exemplo ao declarar que o seu alvo na guerra não foi o rei persa e sim um anseio de dominar a Pérsia. Ele disse aos familiares de Dario presos que “não fazia guerra contra Dario senão pelo império” (21. 2; *Alex.* p. 45) [Δαρείῳ γὰρ ὑπὲρ ἡγεμονίας πολεμεῖν].

Quanto às fontes de Plutarco, tanto Alexandre quanto outros macedônios admiraram tanto a beleza das persas quanto a do próprio rei persa:

λέγεται γε τὴν Δαρείου γυναῖκα πολὺ πασῶν τῶν βασιλίδων εὐπρεπεστάτην γενέσθαι, καθάπερ καὶ αὐτὸς Δαρείος ἀνδρῶν κάλλιστος καὶ μέγιστος, τὰς δὲ παῖδας εὐοικένας τοῖς γονεῦσιν. ... αὕτη δὲ, μετὰ τὴν Μέμνονος τελευτὴν χήρα γενομένη, περὶ Δαμασκὸν ἐλήφθη. πεπαιδευμένη δὲ παιδείαν Ἑλληνικὴν καὶ τὸν τρόπον ἐπιεικῆς οὔσα καὶ πατρὸς Ἀρταβάζου γεγονότος ἐκ βασιλέως θυγατρός, ἐγνώσθη, Παρμενίωνος προτρεψαμένου τὸν Ἀλέξανδρον ... τὰς δὲ ἄλλας αἰχμαλώτους ὀρῶν ὁ Ἀλέξανδρος κάλλει καὶ μεγέθει διαφερούσας ἔλεγε παίζων ὡς εἰσὶν ἀληθδόνες ὀμμάτων αἱ Περσίδες, ἀντεπιδεικνύμενος δὲ πρὸς τὴν ιδέαν τὴν ἐκείνων τὸ τῆς ἰδίας ἐγκρατείας καὶ σφροσύνης κάλλος, ὥσπερ ἀψύχους εἰκόνας ἀγαλμάτων παρέπεμψεν.

a esposa de Dario era, pelo que se assevera, a mais bela das rainhas que existiram no mundo, assim como o próprio Dario era o mais belo e bem feito de todos os homens; e suas filhas eram parecidas com os pais. [...] Enviuada pela morte de Cenon, Barsina fora presa perto de Damasco. Sendo ela instruída na literatura grega, de costumes amáveis e de nascimento ilustre, pois seu pai

era Artabazo, nascido da filha de um rei, Alexandre afeiçãoou-se-lhe. [...] Mas, quando viu as outras cativas, todas de um talhe e de uma beleza singulares, disse, gracejando, que as mulheres da Pérsia eram o tormento dos olhos. As atrações de seu aspecto ele opunha a beleza de sua própria continência e de sua própria moderação, e passava ao lado delas como perante belas estátuas inanimadas. (21. 3-5; *Alex.* p. 46)

Alexandre não suportou que alguém cometesse barbaridades contra os bárbaros, exceto as legitimadas por ele mesmo legitimadas por ele mesmo: “à minha mesa se servem peixes e não cabeças de sátrapas” (28. 2; *Alex.* p. 56) [ταῖς τραπέζαις ἰχθύας ὄρα̅ς ἐπικειμένους, οὐ σατραπῶν κεφαλὰς]. Isso fez com que Dario, na versão de Plutarco, orasse aos deuses no momento de sua morte: “não permitais que outro senão Alexandre se sente no trono de Ciro” (30. 7; *Alex.* p. 60) [μηδεὶς ἄλλος ἀνθρώπων καθίσειεν εἰς τὸν Κύρου θρόνον πλὴν Ἀλεξάνδρου]. Alexandre, por sua vez, “mandou depois embalsamar⁵⁰ o corpo de Dario com toda a magnificência que lhe era devida por sua alta posição e o enviou à sua mãe; depois, acolheu Exatres, irmão de Dario, no número de seus amigos.” (43. 3; *Alex.* p. 77) [τοῦ Δαρείου τὸ μὲν σῶμα κεκοσμημένον βασιλικῶς πρὸς τὴν μητέρα ἀπέστειλε, τὸν δὲ ἀδελφὸν Ἐξάθρην εἰς τοὺς ἐταίρους ἀνέλαβεν.] Quando ele achou

τὸν Κύρου τάφον εὐρῶν διορωρυγμένον ἀπέκτεινε τὸν ἀδικήσαντα, καίτοι Πελλαῖος ἦν οὐ τῶν ἀσημοτάτων ὁ πλημμελήσας, ὄνομα Πολύμαχος. τὴν δὲ ἐπιγραφὴν ἀναγνούς ἐκέλευσεν Ἑλληνικοῖς ὑποχαράξει γράμμασιν.

o sepulcro de Ciro aberto e violado, Alexandre castigou com a morte o autor do sacrilégio, embora fosse um Macedônio de Pela, personagem de destaque, chamado Polímaco. Tendo lido o epitáfio [no sepulcro de Ciro; R.G.], mandou gravar debaixo dele sua tradução em grego.⁵¹ (69. 2; *Alex.* p. 107)

Muitas vezes, observa-se uma relação de mútuo respeito entre Alexandre e os bárbaros: “Os bárbaros restituíram-no [o cavalo Bucéfalo; R.G.] e puseram suas cidades à sua discricção. Alexandre os tratou com humanidade e pagou o resgate do cavalo aos que o haviam roubado.” (44. 3; *Alex.* p. 78) [ἐπεὶ δὲ καὶ τὸν ἵππον ἄγοντες ἦκον καὶ τὰς πόλεις ἐγχειρίζοντες, ἐχρήσατο φιλανθρώπως

⁵⁰ No texto grego consta somente κεκοσμημένον.

⁵¹ É interessante notar que Alexandre deixou transcreever o texto para o grego e não para o dialeto macedônico. Seria interessante saber se as cartas que ele mandou para a Macedônia eram escritas em grego ou em dialeto macedônico. Existe a possibilidade de o dialeto macedônico fora da Macedônia não ter sido usado na forma escrita e de ele talvez nem ter sido a língua franca da correspondência dos macedônicos na própria Macedônia. Neste caso, teria sido um dialeto quase puramente oral, usado na escrita somente em raras ocasiões.

πᾶσι καὶ τοῦ ἵππου λύτρα τοῖς λαβοῦσιν ἔδωκεν.] Seja por ciúme ou por achar indigno tratar os bárbaros com tamanho respeito em várias ocasiões, a maioria dos “amigos de Alexandre [não gostaram], mas foi o que lhe valeu a afeição de uma multidão de bárbaros.” (59. 3; *Alex.* p. 96) [ἐφ’ οἷς τοὺς μὲν φίλους ἰσχυρῶς ἐλύπησε, τῶν δὲ βαρβάρων πολλοὺς ἐποίησεν ἡμερωτέρως ἔχειν πρὸς αὐτόν.] Quando Alexandre viu os progressos das trinta mil crianças, que ele tinha deixado para serem educadas ao modo grego e macedônico, ele “ficou encantado; mas, os Macedônios, ao contrário, ficaram desanimados: temiam que o rei não lhes tivesse mais a mesma afeição” (71. 1; *Alex.* p. 108-109) [μὲν ἦσθη, τοῖς δὲ Μακεδόσι δυσθυμία παρέσθη καὶ δέος, ὡς ἦττον αὐτοῖς τοῦ βασιλέως προσέξοντος].

MACEDÔNIOS COMO NÃO BÁRBAROS: IDEAIS E COMPORTEMENTOS COMUNS

O fato de os macedônios e, sobretudo, Alexandre valorizarem ideais e interesses dos helenos⁵² serviu como fator de identificação entre os macedônios e os helenos e contribuiu, provavelmente, para que os macedônios não fossem considerados bárbaros pelos helenos. Há traços associados tipicamente aos helenos – na autopercepção dos mesmos – identificáveis no comportamento dos macedônios: “Filipe [...] ambicionava, com uma vaidade de sofista, a fama de homem eloquente, e que mandava gravar em suas moedas as vitórias ganhas por seus carros nos jogos olímpicos” (4. 5; *Alex.* p. 22) [Φίλιππος λόγου τε δεινότητι σοφιστικῶς καλλωπιζόμενος καὶ τὰς ἐν Ὀλυμπία, νίκας τῶν ἀρμάτων ἐγχαράτων τοῖς νομίσμασιν]. Percebe-se a importância do esporte e de grandes eventos⁵³ como ponto de encontro da cultura helênica com outras, por exemplo a cultura macedônica.⁵⁴ A vaidade do pai é contrastada com a arrogância do filho Alexandre:

τῶν περὶ αὐτὸν ἀποπειρωμένων εἰ βούλοιτ’ ἂν Ὀλυμπίαισιν ἀγωνίασθαι στάδιον, ἦν γὰρ ποδώκης, εἴ γε, ἔφη, βασιλεῖς ἔμελλον ἔξειν ἀνταγωνιστάς·

⁵² Os helenos são o nosso ponto de referência para estabelecer quem é bárbaro e quem não é.

⁵³ A quem foi permitido participar dos jogos olímpicos e das grandes festas não automaticamente foi reconhecido como heleno, mas, por outro lado, não podia ser considerado bárbaro.

⁵⁴ Existem, porém, também diferenças culturais entre o estilo de vida dos macedônios e de helenos sofisticados, como os atenienses. A situação de vida dos macedônios “hatte, verglichen mit der der Griechen, durchaus archaische Züge; die Grundlagen des Wirtschaftslebens | waren noch nahezu vollständig agrarisch, der Anteil an Viehzucht war sehr groß, die Jagd hatte einen hohen Stellenwert. Auch in Klima und Landesnatur gab es Unterschiede: Wälder und Bergweiden, große Ebenen und Hügelländer, wasserführende Flüsse mussten vielen Griechen fremd vorkommen. Vor allem war die soziale und politische Organisation ganz anders, weil gerade, was für den Griechen deren Mitte ausmachte, die Polis, in Makedonien fehlte. Dort existierten Stämme, in denen mächtige Adlige, die zu Pferde in den Krieg zogen, das Sagen hatten.“ (Gehrke 2008: 4-5)

φαίνεται δὲ καὶ καθόλου πρὸς τὸ τῶν ἀθλητῶν γένος ἄλλοτρίως ἔχων πλείστους γέ τοι θεῖς ἀγῶνας οὐ μόνον τραγωδῶν καὶ αὐλητῶν καὶ κιθαρωδῶν, ἀλλὰ καὶ ῥαψωδῶν, θήρας τε παντοδαπῆς καὶ ῥαβδομαχίας, οὔτε πυγμῆς οὔτε παγκρατίου μετὰ τινος σπουδῆς ἔθηκεν ἄθλον.

Indagados pelos amigos se iria disputar nos jogos olímpicos o prêmio da corrida, pois tinha grande agilidade, Alexandre respondeu: ‘Eu concorreria, se encontrasse reis como antagonistas’. Percebe-se, aliás, a sua | ojeriza pelo atletismo; de fato, ele, que tão frequentemente ofereceu prêmios para serem disputados entre os poetas trágicos, ou entre os músicos que tocavam a flauta ou a lira, ou ainda entre os rapsodos; ele, que organizou combates de toda espécie de animais, com lutadores armados de paus, nunca mandou executar, pelo menos com prazer, exercícios de pugilato. (4. 5-6; *Alex.* p. 22-23)

Em muitos aspectos, Alexandre apresentou-se como modelo de comportamento: “Atraído, como o era, não pela volúria e pelas riquezas, mas pela virtude e pela glória” (5. 3; *Alex.* p. 23) [οὐ γὰρ ἡδονὴν ζηλῶν οὐδὲ πλοῦτον, ἀλλ’ ἀρετὴν καὶ δόξαν]. Ela aproxima-se ao ideal de um erudito heleno: “Alexandre tinha também uma atração natural pela literatura: gostava de estudar e de ler. Considerava a *Iliada* como um arsenal para a arte da guerra” (8. 1-2; *Alex.* p. 27) [ἦν δὲ καὶ φύσει φιλόλογος καὶ φιλιαναγνώστης. καὶ τὴν μὲν Ἰλιάδα τῆς πολεμικῆς ἀρετῆς ἐφόδιον καὶ νομίζων καὶ ὀνομάζων].⁵⁵ Mais detalhes sobre as obras preferidas de Alexandre traz a seguinte passagem: “Hárpalus mandou-lhe as obras de Filistes, grande número das tragédias de Eurípedes, Sófocles e Ésquilo, e os ditirambos de Telestes e de Filoxenes.” (8. 3; *Alex.* p. 27) [κακείνος ἔπεμψεν αὐτῷ τὰς τε Φιλίστου βίβλους καὶ τῶν Εὐριπίδου καὶ Σοφοκλέους καὶ Αἰσχύλου τραγωδιῶν συχνάς, καὶ Τελέστου καὶ Φιλοξένου διθυράμβους.] Em vários momentos da *Vida de Alexandre*, Plutarco relata encontros com filósofos e observa o grande interesse de Alexandre pela filosofia. Nem o afastamento pessoal de Aristóteles

ὁ μέντοι πρὸς φιλοσοφίαν ἐμπεφυκῶς καὶ συντετραμμένος ἀπ’ ἀρχῆς αὐτῷ ζῆλος καὶ πόθος οὐκ ἐξερρήη τῆς ψυχῆς, ὡς ἡ περὶ Ἀνάξαρχόν τε τιμὴ καὶ τὰ πεμφθέντα Ξενοκράτει πενήκοντα τάλαντα καὶ Δάνδαμιν καὶ Καλανὸς οὕτω σπουδασθέντες μαρτυροῦσι.

excluiu de sua alma o gosto, ou melhor, a paixão ardente pela filosofia. Esse sentimento era inato nele e crescera à medida que avançara na idade: isso é

⁵⁵ Sobre os antecedentes próximos de Alexandre como amigos da poesia e das artes e como influenciados por filósofos, veja Droysen 2010: 66, e Gehrke 2000: 20.

demonstrado pelas honras por ele tributadas a Anaxarco⁵⁶, pelos cinquenta talentos que enviou ao filósofo Xenócrates⁵⁷ e pela profunda estima que tinha por Dandamis e por Cálamo⁵⁸. (8. 4; *Alex.* p. 28)

Outra passagem que salienta o fato de os macedônios não serem considerados bárbaros é quando os macedônios conheceram pela primeira vez o estilo de vida dos bárbaros: “os Macedônios, que, pela primeira vez saboreavam os prazeres do ouro, do dinheiro, das mulheres, do luxo dos bárbaros, acabaram fazendo como os cães que provaram carniça” (24. 2; *Alex.* p. 49) [γευσάμενοι τότε πρῶτον οἱ Μακεδόνες χρυσοῦ καὶ ἀργύρου καὶ γυναικῶν καὶ διαίτης βαρβαρικῆς, ὥσπερ κύνες ἔσπευδον ἀνάμενοι στίβου]. E em outra ocasião é Alexandre, que

θαρρῶν δὲ τοῦ σώματος τῆ κοφότητι, καὶ τῷ πονεῖν αὐτὸς ἀεὶ παραμυθούμενος τὴν ἀπορίαν τῶν Μακεδόνων, προσέδραμε τοῖς ἔγγιστα πῦρ καίουσι: καὶ περικαθημένους τῇ πυρᾷ δύο βαρβάρους πατάξας τῷ ἐγχειριδίῳ ... ἐφόβησαν ὥστε φυγεῖν ... καὶ κατηλισθήσαν ἀκινδύνως

[c]onfiando em sua agilidade natural e acostumado a pagar sempre em pessoa para aliviar aos Macedônios o peso de seus labores, corre até aos bárbaros cujas fogueiras estavam mais próximas, atravessa com a espada dois [...] os bárbaros, aterrorizados, fugiram precipitadamente. [...] e os Macedônios passaram a noite sem perigo (24. 8; *Alex.* p. 51).

Alexandre, para recriar e manter a estima dos helenos, era “cioso sobretudo de mostrar-se generoso para com os gregos, escreveu-lhes⁵⁹ que todas as tiranias ficavam, desde então, abolidas na Grécia, e que os povos afinal podiam governar-se por suas próprias leis” (34. 1; *Alex.* p. 66) [φιλοτιμούμενος δὲ πρὸς τοὺς Ἕλληνας ἔγραψε τὰς τυραννίδας πάσας καταλυθῆναι καὶ πολιτεύειν αὐτονόμους]. Apesar da oposição de helenos importantes (por exemplo Demóstenes) contra o domínio macedônico, Plutarco aponta que houve helenos – sobretudo dentro do exército de Alexandre – que estimavam o rei macedônico chegando ao ponto de idolatrá-lo. Demarato de Corinto “chorou [...] como um bom velho: ‘De que alegria fostes privados – exclamou ele – Gregos que perecesteis em combate antes de ver Alexandre sentado no trono de Dario!’” (37. 4; *Alex.* p. 70) [πρεσβυτικῶς ἐπιδακρῦσαι, καὶ εἰπεῖν ὡς μεγάλης ἡδονῆς στεροῖντο τῶν Ἑλλήνων οἱ τεθηκότες πρὶν ἰδεῖν Ἀλέξανδρον ἐν τῷ Δαρειοῦ θρόνῳ καθήμενον.] Em outra ocasião o mesmo heleno quase se repetiu:

⁵⁶ Nascido na Trácia e amigo de Alexandre.

⁵⁷ Nascido em Calcedônia, na Ásia Menor, mas residente em Atenas desde a juventude.

⁵⁸ Os dois são gimnosofistas da campanha para a Índia.

⁵⁹ Como Alexandre escreveu, e não falou diretamente, é provável que ele que ele tenha se direcionado aos helenos que não o acompanhavam na campanha.

“Lastimo os gregos que morreram antes de te ver sentado no trono de Dario, pois foram privados de uma grande satisfação” (56. 1; *Alex.* p. 92) [μεγάλης ἡδονῆς ἐστερηῆσθαι τοὺς Ἕλληνας, ὅσοι τεθνήκασι πρὶν ἰδεῖν Ἀλέξανδρον ἐν τῷ Δαρείου θρόνῳ καθήμενον].

A RELAÇÃO DE ALEXANDRE COM OS MACEDÔNIOS

Em contraste a isso, um compatriota de Alexandre, o macedônio Clito, insatisfeito com a reverência de Alexandre aos bárbaros, provocou o seu rei: “Como invejamos a felicidade dos que morreram antes de ver os macedônios flagelados pelas vergas dos Medas, e obrigados, para serem recebidos por seu⁶⁰ rei, a implorar a proteção dos Persas!” (51. 1; *Alex.* p. 86) [μακαρίζομεν δὲ τοὺς ἤδη τεθνηκότας πρὶν ἐπιδεῖν Μηδικαῖς ράβδοις ξαινομένους Μακεδόνας, καὶ Περσῶν δεομένους ἵνα τῷ βασιλεῖ προσέλθωμεν.] Parece, portanto, que os macedônios tinham menos receio de exprimir as suas opiniões contra Alexandre do que os helenos que se encontravam no exército. Plutarco apresenta, mais uma vez, indícios de que os macedônios – menos Alexandre – se achavam naturalmente superiores aos bárbaros. Exaustos pela campanha distante empreendida por Alexandre, os macedônios esperaram “que Alexandre pensasse em regressar à Macedônia e não quisesse mais permanecer entre os bárbaros” (38. 4; *Alex.* p. 70-71) [ὅτι τοῖς οἴκοι προσέχοντός ἐστι τὸν νοῦν καὶ μὴ μέλλοντος ἐν βαρβάροις οἰκεῖν]. Parece, pois, que os macedônios não entendiam o porquê de ficar em países distantes e bárbaros. Contudo, eles demonstravam preocupação e estima ao rei sobretudo quando em perigo ou nos dias anteriores à morte de Alexandre. Quando ele foi ferido, “os Macedônios, entrando em quantidade, cercaram-no, levantaram-no, e transportaram-no, desmaiado, até sua tenda” (63. 5; *Alex.* p. 101) [ἐν τούτῳ δὲ τῶν Μακεδόνων περιχυθέντων ἀρπασθεὶς ἀναίσθητος ἤδη τῶν περὶ αὐτὸν ἐπὶ σκηνῆς ἐκομίζετο]. Salvo eventuais desobediências, os soldados macedônios, sobretudo os comuns, mostravam-se leais e dispostos a salvar a vida do rei, demonstrando também fora do campo de batalha afeto a ele: “Os Macedônios, que assistiam [à apresentação artística e ao que seguiu depois; R.G.], bateram palmas e convidaram o rei, com gritos, a dar-lhe [ao bailarino Bagoas] um beijo. Alexandre cingiu-o nos braços e beijou-o.” (67. 4; *Alex.* p. 105) [ιδόντας δὲ τοὺς Μακεδόνας κροτεῖν καὶ βοᾶν φιλήσαι κελεύοντας, ἄχρι οὗ περιβαλὼν κατεφίλησεν.]

MACEDÔNIOS COMO NÃO BÁRBAROS: A RELIGIÃO

Além de ideais e de comportamentos comuns (ou talvez como subgrupo dos mesmos), a religião serve como outro elemento identificador entre helenos e

⁶⁰ No texto grego não consta um pronome possessivo, mas meramente “pelo rei”.

macedônios. Plutarco apresenta os macedônios e, sobretudo, Filipe e Alexandre como adeptos da mesma religião que os helenos.⁶¹ Eles consultam o oráculo de Delfos⁶² (e também o de Amon),⁶³ eles fazem sacrifícios em ocasiões nas

⁶¹ Plutarco apresenta, portanto, somente a religiosidade manifestada pela casa real, e não a realidade diversificada da Macedônia: “The men of Lower Macedonia worshipped Greek gods; the royal family claimed descent from Heracles. But the highlanders were much addicted to Thracian deities, Sabazius, the Clodones and Mimallones, whose wild orgiastic cult-practices closely resembled those portrayed by Euripides in the *Bacchae*.” (Green 1991: 5)

⁶² Algo que bárbaros não fazem. E talvez um dos motivos pelos quais Heródoto não chama Creso e os lídios de bárbaros: porque Creso consultou o oráculo de Delfos antes de decidir ir à guerra contra os medos. “Alexandre foi a Delfos, para consultar o deus daquele templo” (14. 4; *Alex.* p. 35) [βουλόμενος δὲ τῷ θεῷ χρήσασθαι περὶ τῆς στρατείας ἦλθεν εἰς Δελφούς]. Mas Alexandre fez algo atípico com a sacerdotisa de Delfos: “Então foi ele mesmo procurá-la, levando-a à força ao templo. A profetisa, vencida, por assim dizer, pela violência, exclamou: ‘Oh, meu filho! tu és invencível!’” (14. 4; *Alex.* p. 35) [αὐτὸς ἀναβάς βία πρὸς τὸν ναὸν εἰλκεν αὐτήν, ἢ δὲ ὥσπερ ἐξητημένη τῆς σπουδῆς εἶπεν ‘ἀνίκητος εἶ, ὦ παῖ’].

⁶³ “Filipe enviou Querão de Megalópolis a consultar o oráculo de Delfos acerca do sonho que havia tido; e, como resposta, Querão declarou – segundo se diz – que Apolo ordenara-lhe que sacrificasse a Amon e venerasse de modo particular esse deus. Acrescenta-se que Filipe perdeu uma das vistas ao olhar através do buraco da porta, pelo qual vira Júpiter deitado ao lado de sua esposa, sob a forma de uma serpente.” (3. 1; *Alex.* p. 20) [οὐ μὴν ἀλλὰ Φιλίππῳ μὲν, μετὰ τὸ φάσμα πέμψαντι Χαίρωνα τὸν Μεγαλοπολίτην εἰς Δελφούς, χρησμὸν κοιμισθῆναι λέγουσι παρὰ τοῦ θεοῦ κελεύοντος Ἄμμωνι θύειν καὶ σέβεσθαι μάλιστα τοῦτον τὸν θεὸν ἀποβαλεῖν δὲ τῶν ὄψεων αὐτὸν τὴν ἑτέραν, ἦν τῷ τῆς θύρας ἀρμῷ προσβαλῶν κατώπτευσεν ἐν μορφῇ δράκοντος συνευναζόμενον τῇ γυναικὶ τὸν θεόν.] Essa ordem do oráculo faz, de antemão, referência ao episódio do filho Alexandre em Egito no oráculo de Amon, a seguida do qual a relação com Amon tornou-se momento central na religião praticada por Alexandre, que, por exemplo, “juro na presença deles, por Júpiter Amon e pelos outros deuses” (47. 7; *Alex.* p. 81) [διαλλάξας ἐπώμοσε τὸν Ἄμμωνα καὶ τοὺς ἄλλους θεούς]; e outra vez “chegou um oráculo de Amon” (72. 2; *Alex.* p. 110) [ἐξ Ἄμμωνος ἦλθε μαντεία]. Clito diz que Alexandre quer “Amon como pai” (50. 6; *Alex.* p. 86) [Ἄμμωνι σαυτὸν]. Resumindo Radet: “Das Ideal Alexanders sei ein einziges Reich gewesen, die ganze Erde umfassend [...] Dieser theokratische Traum sei der Grund von Alexanders Werk, die große Inspiration seines Lebens. Ammon habe Alexander als seinen Sohn proklamiert und ihn als Universalherrscher der Welt eingesetzt.” (Seibert 1972: 193)

quais os helenos também costumam sacrificar,⁶⁴ rogam⁶⁵ a e veneram Zeus⁶⁶,

⁶⁴ Alexandre, até “[n]os dias de lazer, sacrificava aos deuses logo ao levantar-se” (23. 2; *Alex.* p. 48) [ἐν δὲ ταῖς σχολαῖς πρῶτον μὲν ἀναστὰς καὶ θύσας τοῖς θεοῖς]. Ele “organizou sacrifícios e cerimônias solenes em honra dos deuses” (29. 1; *Alex.* p. 57) [θυσίας τοῖς θεοῖς καὶ πομπὰς ἐπέτελε]. “Alexandre, proclamado rei da Ásia, ofereceu aos deuses sacrifícios magníficos” (34. 1; *Alex.* p. 66) [βασιλεὺς δὲ τῆς Ἀσίας Ἀλέξανδρος ἀνηγορευμένος ἔθυε τοῖς θεοῖς μεγαλοπρεπῶς]. Alexandre “fez sacrifícios pela cura” (41. 3; *Alex.* p. 74) [ἔθυσεν ὑπὲρ αὐτοῦ]. Alexandre “naquele dia sacrificara aos Dioscuros.” (50. 4; *Alex.* p. 85) [τεθυκότος τοῦ βασιλέως Διοσκούροις.] Alexandre “após os sacrifícios aos deuses, reiniciou sua viagem” (63. 6; *Alex.* p. 101) [θύσας τοῖς θεοῖς αὐθις ἀνήχθη]; e “fez o sacrifício” (76. 1; *Alex.* p. 114) [τὰ ἱερά τοῖς θεοῖς ἐπιθείς] quando já perto da morte. “Erigiu também, em honra dos deuses, altares que os reis dos Persas [Πραισίων!] ainda veneram: eles passam todos os anos o Ganges, para ali fazerem sacrifício à moda dos Gregos [Ἑλληνικὰς θυσίας (sem acento no texto grego da edição LOEB)].” (62. 4; *Alex.* p. 100) [ἰδρύσατο δὲ βωμοὺς θεῶν, οὓς μέχρι νῦν οἱ Πραισίων βασιλεῖς διαβαίνοντες σέβονται καὶ θύουσιν Ἑλληνικὰς θυσίας.] Que os sacrifícios aconteciam neste caso à moda dos helenos (e não dos macedônios), faz mais uma vez provável, que não tinha (muita) diferença entre os sacrifícios como eram feitos na Macedônia e como eram feitos nas regiões da Hélade. Alexandre costumava gastar de modo generalizado (e por natureza; 39: φύσει) muitos recursos (39: ele era μεγαλοδωρότατος), com os soldados e amigos, e também em assuntos religiosos, exigindo de outros macedônios a mesma postura de evitar “tratar os deuses mesquinamente” (25. 5; *Alex.* p. 52) [πρὸς τοὺς θεοὺς μικρολογούμενος].

⁶⁵ Átalo, um nobre macedônio, “tio de Cleópatra [...] convidava os Macedônios a rogar aos deuses” (9. 4; *Alex.* p. 29) [ἐν τοῖς Κλεοπάτρας γάμοις ... παρεκάλει τοὺς Μακεδόνας αἰτεῖσθαι παρὰ θεῶν]. Plutarco mostra que também os persas (30. 6; *Alex.* p. 59) – e não somente os helenos e os macedônios – oravam para deuses.

⁶⁶ O pintor Apeles pintou Alexandre carregando um raio (4. 2) [a tradução de Vega interpreta: “representando Júpiter tonante” (*Alex.* p. 22)]. “Alexandre foi saudado pelo profeta de Amon com o título de filho de Júpiter. Alexandre lhe perguntou se alguém entre os assassinos de seu pai tinha escapado” (27. 3; *Alex.* p. 55) [ὁ μὲν προφήτης αὐτὸν ὁ Ἄμμωνος ἀπὸ τοῦ θεοῦ χαίρειν; ὡς ἀπὸ πατρὸς, προσεῖπεν ὁ δὲ ἐπήρετο μὴ τις αὐτὸν εἴη διαπεφυγὼς τῶν τοῦ πατρὸς φωνῶν]; e o profeta disse que o pai verdadeiro do Alexandre não é mortal. (27. 4; *Alex.* p. 55). “Então Alexandre fez a Júpiter [no texto grego consta θεὸν; R.G.] oferendas magníficas e aos sacerdotes [ἀνθρώπους!] ricos presentes” (27. 4; *Alex.* p. 55) [ἔδωρεῖτο τὸν θεὸν ἀναθήμασι λαμπροῖς καὶ χρήμασι τοὺς ἀνθρώπους.] “Alguns afirmam que o profeta, querendo dirigir-lhe em grego a saudação de amizade o *paidion* (‘oh, meu caro filho’) enganou-se na última letra da palavra, por ignorar a língua, e colocou um *s* no lugar do *n*, o *pai Dios* (‘oh, filho de Júpiter!’) Esse erro de pronúncia agradou muito a Alexandre, e foi a origem do boato que depois tanto se espalhou, segundo o qual o deus o teria chamado com o nome de filho.” (27. 5; *Alex.* p. 55) [ἔνιοι δὲ φασὶ τὸν μὲν προφήτην Ἑλληνιστὶ βουλούμενον προσεῖπεν μετὰ τινος φιλοφροσύνης ὃ παιδίον, ἐν τῷ τελευταίῳ τῶν φθόγγων ὑπὸ βαρβαρισμοῦ πρὸς τὸ σίγμα ἐξενεχθῆναι καὶ εἶπειν, ὃ παιδίος, ἀντὶ τοῦ νῦ τῷ σίγμα χρησάμενον, ἀσμένῳ δὲ τῷ Ἀλεξάνδρῳ τὸ σφάλμα τῆς φωνῆς γενέσθαι καὶ διαδοθῆναι λόγον ὡς παῖδα Διὸς αὐτὸν τοῦ θεοῦ προσεῖπόντος.] Certa vez, durante uma trovoadra, todos estavam tomados de pavor: “Filho de Júpiter – disse-lhe o sofista Anaxarco, que se achava presente – não és tu que produzes todo este barulho?” (28. 2; *Alex.* p. 56) [Ἀνάξαρχος ὁ σοφιστῆς παρῶν ἔφη πρὸς αὐτὸν, μὴ τι σὺ τοιοῦτον ὁ τοῦ Διὸς;] Alexandre “rogou aos deuses – conforme relata Calístenes, nos termos seguintes: ‘Se de fato sou filho de Júpiter, dignai-vos defender os Gregos e dar segurança a seus golpes’” (33. 1; *Alex.* p. 64) [παρεκάλει τοὺς θεοὺς, ὡς Καλλισθένης φησὶν, ἐπευχόμενος, εἴπερ ὄντως Διόθεν ἐστὶ γεγονῶς, ἀμῦναι καὶ συνεπιρρώσασιν τοὺς Ἑλληνας]. Aqui, Alexandre encena-se como defensor dos helenos e não dos macedônios. Fica, porém, claro, que Alexandre não fingiu ser imortal, mas que ele assumiu ser mortal: “Meus amigos, o que corre aqui é sangue, e não aquele licor [ἰχώρ] sutil ‘Que escorre das feridas dos deuses imortais’” (28. 2; *Alex.* p. 56) [τοῦτο μὲν εἶπεν, ὃ φίλοι, τὸ ῥέον αἷμα, καὶ οὐκ ἰχώρ,

acreditam também em outros dos deuses olímpicos (Atena⁶⁷, Apolo⁶⁸, Artemis⁶⁹, Dioniso⁷⁰)⁷¹, e reconhecem e adoram heróis helenos como Hércules e Aquiles. E parece que, pelo menos para Filipe e Alexandre, os adivinhos até tinham maior destaque do que, por exemplo, entre os atenienses.⁷² Pode ser que os macedônios

οἷός πέρ τε ῥέει μακάρεσσι θεοῖσιν’]. Clito confirma, mesmo estando irritado, que Alexandre é considerado “filho dos deuses” (50. 6; *Alex.* p. 85) [Ἀμμωνί σαυτὸν], mas diz também que ele é mortal. Isso não é uma humilhação, uma vez que também Aquiles e Hércules eram mortais. Resumindo Tarn: “Zwar habe Alexander nie geglaubt, Gott oder Sohn eines Gottes zu sein, aber er wollte Gott seines Imperiums werden.” (Seibert 1972: 200)

⁶⁷ “Visitou Ílion, fez ali um sacrifício a Minerva e algumas libações aos heróis; banhou com azeite a coluna funerária de Aquiles, andou em volta do túmulo, completamente nu, segundo o costume” (15. 4; *Alex.* p. 36) [ἀναβάς δὲ εἰς Ἴλιον ἔθυσσε τῇ Ἀθηνᾷ καὶ τοῖς ἥρωσιν ἔσπεισε. τὴν δὲ Ἀχιλλέως στήλην ἀλειψάμενος λίπα καὶ μετὰ τῶν ἑταίρων συναναδραμιῶν γυμνός, ὡσπερ ἔθος ἐστίν]. Alexandre, portanto, também faz sacrifícios para Atena, mesmo – ou talvez exatamente porque – ela sendo Deusa principal de Atenas. Alexandre – talvez por falta de macedônios na *Ilíada* – queria estabelecer vínculos entre si próprio e a *Ilíada*.

⁶⁸ Num sonho de Dario: “Parece que o deus [que tinha enviado o sonho; R.G.] anunciava muito claramente, por meio dessa visão, o alto grau de grandeza e de esplendor reservado à pujança dos Macedônios.” (18. 5; *Alex.* p. 41) [διὰ τούτων, ὡς ἔοικεν, ὑπεδηλοῦτο παρὰ τοῦ θεοῦ λαμπρὰ μὲν γενήσασθαι καὶ περιφανῆ τὰ τῶν Μακεδόνων] Plutarco (ou a fonte dele) destaca que o deus reservou o esplendor primeiramente aos macedônios e não aos helenos. Alexandre “sonhou que Hércules, estendendo-lhe a mão, chamava-o do alto das muralhas. Diversos tírios, também durante o sono, julgaram ter ouvido Apolo dizer-lhes que iria pôr-se ao lado de Alexandre, por estar descontente com o que se fazia na cidade.” (24. 3; *Alex.* p. 50) [ὄναρ εἶδε τὸν Ἡρακλέα δεξιούμενον αὐτὸν ἀπὸ τοῦ τείχους καὶ καλοῦντα. τῶν δὲ Τυρίων πολλοῖς κατὰ τοὺς ὕπνους ἔδοξεν ὁ Ἀπόλλων λέγειν ὡς ἄπεισι πρὸς Ἀλέξανδρον οὐ γὰρ ἀρέσκειν αὐτῷ τὰ πρασσόμενα κατὰ τὴν πόλιν.]

⁶⁹ “Alexandre nasceu [...] no dia mesmo em que o templo de Diana incendiara-se em Éfeso. A esse respeito, Hegésias de Magnésia soltou uma exclamação [...]: ‘Não é estranho [...] que o templo se tenha queimado, pois Diana estava ocupada com o parto da mãe de Alexandre!’” (3. 3; *Alex.* p. 21) [ἐγεννήθη δ’ οὖν Ἀλέξανδρος ... καθ’ ἣν ἡμέραν ὁ τῆς Ἐφεσίας Ἀρτέμιδος ἐνεπρήσθη νεὸς ὡς γ’ Ἠγησίας ὁ Μάγνης ἐπιπεφώνηκεν ἐπιφώνημα ... καταφλεχθῆναι τὸν νεῶν τῆς Ἀρτέμιδος ἀσχολουμένης περὶ τὴν Ἀλεξάνδρου μαίωσιν.]

⁷⁰ Sobre o culto de Dioniso na Macedônia veja O’Brien 1992: 13-16.

⁷¹ “It appears that he considered five gods as his main champions in the undertaking: Zeus, Athena, Heracles, Dionysus, and Apollo. While still in Macedonia, he issued his new imperial coinage featuring on his silver tetradrachmas the head of Heracles on one side, and Zeus Basileus, with eagle and scepter, on the other, and on his gold staters the helmeted head of Athena on one side, and the figure of Nike (as attribute of Athena) on the other.” (Fredricksmeier 2003: 261)

⁷² Alexandre viu “Aristandro embaraçado e gostava de favorecer sempre as predições dos adivinhos” (25. 2; *Alex.* p. 51) [διηπορημένον αὐτὸν ἰδὼν ὁ βασιλεὺς καὶ συμφιλοτιμούμενος αἰεὶ τοῖς μαντεύμασιν]. “Quanto a Alexandre, enquanto os Macedônios descansavam, fez com Aristandro, seu adivinho, sacrifícios secretos em sua tenda, imolando vítimas ao Medo [Φόβος].” (31. 4; *Alex.* p. 61) [Ἀλέξανδρος δὲ τῶν Μακεδόνων ἀναπαυομένων αὐτὸς πρὸ τῆς σκηνῆς μετὰ τοῦ μάντεως Ἀριστάνδρου διέτριβεν, ἱερουργίας τινας ἀπορρήτους ἱερουργούμενος καὶ τῷ Φόβῳ σφαγιάζόμενος.] “O adivinho Aristandro lembrou-lhe [a Alexandre], porém, a visão que tivera a respeito de Clito e o prodígio ao qual assistira [...] era preciso reconhecer a execução dos decretos do destino. Isso pareceu confortá-lo um pouco.” (52. 1; *Alex.* p. 87) [Ἀριστάνδρου δὲ τοῦ μάντεως ὑπομνησκόντος αὐτὸν τὴν τε ὄψιν ἣν εἶδε περὶ τοῦ Κλείτου, καὶ τὸ σημεῖον, ὡς δὴ πάλα καθεμαρμένον τούτων, ἔδοξεν ἐνδιδόναι.]

tinham a tendência de deificar as partes da natureza⁷³ (igual a Homero, quando ele descrevia, por exemplo, o rio Escamandro como ser divino), e que eles eram (ainda) mais supersticiosos do que a grande parte dos helenos, mas Alexandre tentou anular as superstições (pelo menos nos casos, nos quais eles ameaçavam o sucesso da sua campanha): “os reis da Macedônia não costumavam fazer avançar suas tropas durante o mês do Désius. Alexandre reformou essa superstição” (16. 2; *Alex.* p. 37) [(Δαισίου γὰρ οὐκ εἰώθεισαν οἱ βασιλεῖ τῶν Μακεδόνων ἐξάγειν τὴν στρατιάν), τοῦτο μὲν ἐπληρωθῶσατο κελεύσας δεῦτερον Ἀρτεμίσιον ἄγειν].⁷⁴

HISTÓRIA E MITOLOGIA

As história e mitologia comuns ajudam a criar pontos de identificação entre grupos que vivem distantes uns dos outros, mas compartilhar das mesmas narrações míticas não é o suficiente: a região de Epiro, por exemplo, faz parte dos mesmos ciclos míticos como regiões da Hélade, mas parece que mesmo assim os epirotas não eram considerados helenos, pelo menos não todos e não por todos os helenos.⁷⁵

A Macedônia tem a desvantagem de não ser parte integral da mitologia helênica e de tampouco existir muita história em comum, ainda que muitos macedônios tivessem nomes helênicos. Filipe e, sobretudo, Alexandre tentaram compensar esses defeitos, aproximando a própria casa real e a si mesmos ao mundo dos heróis míticos da Hélade. Já Plutarco observou que Alexandre, de propósito, encenou-se de maneira a permitir o manuseio da mitologia e da religião como formas de facilitar o domínio sobre outros. Isso inclui a tentativa de se aproximar da mitologia helênica como meio de evitar ser visto como um bárbaro pelos helenos, passando a imagem de ser um macedônio que é quase um heleno.⁷⁶

⁷³ Alexandre usufruiu disso na sua argumentação em frente do exército: “Seria desonrar o Hesponto – disse Alexandre. – Se o atravessai, vou agora ter medo de passar o Granico!” (16. 2; *Alex.* p. 37) [εἰπὼν αἰσχύνεσθαι τὸν Ἑλλήσποντον εἰ φοβήσεται τὸν Ἰρανικὸν διαβεβηκῶς ἐκεῖνον].

⁷⁴ Somente nos últimos dias de vida, “Alexandre, completamente abandonado às suas fantasias supersticiosas, ficou tão perturbado, tão atemorizado, que as coisas mais insignificantes, bastando que se apresentassem de maneira um tanto extraordinária e estranha, apareciam-lhe como sinais e prodígios. Seu raço estava repleto de gente fazendo sacrifícios, exciações ou profecias” (75. 1; *Alex.* 113) [ὁ δ’ οὖν Ἀλέξανδρος ὡς ἐνέδωκε τότε πρὸς τὰ θεῖα ταραχῶδης γενόμενος καὶ περιφοβὸς τὴν διάνοιαν, οὐδὲν ἦν μικρὸν οὕτως τῶν ἀήθων καὶ ἀτόπων ὃ μὴ τέρας ἐποιεῖτο καὶ σημεῖον ἀλλὰ θυομένων καὶ καθαιρόντων καὶ μαντευόντων μεστὸν ἦν τὸ βασίλειον].

⁷⁵ O fato de compartilharem uma mesma mitologia não automaticamente exclui de serem vistos como bárbaros; isso depende da maneira segundo a qual um certo povo ou grupo está representado nos mitos comuns. Por outro lado, quem já é inimigo dos helenos dentro dos mitos facilmente será considerado bárbaro: por exemplo certos aliados dos troianos ou os povos residentes na região da Cólquida, pátria de Medeia.

⁷⁶ “Alexandre estava longe de enganar-se sobre si mesmo e de envaidecer-se por sua pretendida divindade: Limitava-se a utilizar a opinião que os outros tinham a respeito, para os dominar.” (28. 3; *Alex.* p. 57) [ὁ δ’ οὖν Ἀλέξανδρος ... δῆλός ἐστιν αὐτὸς οὐδὲν πεπονηῶς οὐδὲ τετυφωμένος, ἀλλὰ τοὺς ἄλλους καταδουλούμενος τῇ δόξῃ τῆς θεϊότητος.] “The inspiration that Alexander (and his companions) drew from Homer made him (and

Sendo assim, a autorepresentação de Alexandre como alguém que deriva de deuses e de heróis pan-helênicos⁷⁷ e que os emula⁷⁸ pode ser uma forma de antecipar e de impedir que certos helenos o denominassem e o tratassem como um bárbaro. Parece que os macedônios já seguiram desde o século V a.C. uma política cultural que tinha como objetivo a integração com o mundo helênico,⁷⁹ que culminou, por exemplo, na contratação de grandes poetas helênicos, como Eurípides⁸⁰, tendo, talvez, como intenção aproximarem-se dos helenos e distanciarem-se dos bárbaros.

Alexandre não somente construiu um “eu” em face de uma realidade passada, mas também aspirava a corrigir as máculas de Aquiles, quando tais eram percebidas por ele (cf. Plut. *Moralia* 343b). Sendo assim, os dois paradigmas (*imitatio* e *aemulatio*) têm que ser lembrado sempre, e tampouco pode ser esquecido a paralela com contemporâneos (*comparatio*). Esse último fato indica que a self-fashioning de Alexandre, com o objetivo de se tornar herói,

them) ‘true Mycenaeans,’ [...] Alexander was not only a successful performer, engaging the cooperation of other performers in various media, not least artists and writers, articulate voices that could craft an associated representational image with clear public overtones.” (Cohen 1995: 483) “Later in his career Alexander must have realized the need to control the way in which he was publicly seen at home and abroad, as well as the fact that his own once genuinely personal vision held public potential [...] From a certain point on, the personal and political, reality and myth, blend inextricably, and there is no use in trying to sort them out neatly. [...] Ultimately Alexander realized the propagandistic value of controlled history, surrounding himself with writers who were to recast events in prose and in epic poetry.” (Cohen 1995: 486).

⁷⁷ “É opinião corrente que, do lado paterno, Alexandre descendia de Hércules, por Carano, e, do lado materno, dos Eacides, por Neoptolemo.” (2. 1; *Alex.* p. 19) [Ἀλέξανδρος ὅτι τῷ γένει πρὸς πατρὸς μὲν ἦν Ἡρακλείδης ἀπὸ Καράνου, πρὸς δὲ μητρὸς Αἰακίδης ἀπὸ Νεοπτολέμου, τῶν πάνυ πεπιστευμένων ἐστὶ.] “[M]ais que uma simples crença, esse tipo de ligação era uma forma de legitimar o poder dos reis macedônios e facilitar a sua aceitação frente à população grega.” (Ziegler 2009: 109)

⁷⁸ Por exemplo a analogia de Alexandre com Aquiles e Hércules. “In the same context Demosthenes decided to clip Alexander’s budding reputation as the new Achilles by labeling him the mock hero Margites, thereby implying that the more Alexander is styled or styles himself another Achilles, the more he becomes a caricature of the Homeric hero.” (Gunderson 1981: 188)

⁷⁹ Não somente Filipe e Alexandre, mas também outros nobres da Macedônia eram educados de modo helênico, por exemplo Cassandro foi criado em estilo helênico (τεθραμμένος Ἑλληνικῶς; 74. 1).

⁸⁰ É interessante notar que justamente esse poeta abordou a questão dos bárbaros em suas várias facetas. “Euripides’ ideas about Barbarians seem to give rise to a problem. Certainly, most critics agree in thinking that, for once, Euripides has made himself the spokesman for established values and the resolute advocate of Greek superiority. But others, more careful and cautious, like W. Kranz or H. Diller, admit that the portrayal of the Barbarian in Euripides’ drama is far from simple, and that the tragedian wavers between two opposite positions, regarding the barbarian now as a born slave, now as a fully fledged human being. Still others, like V. di Benedetto or E. Lévy, map out a process of evolution from the first tragedies, which give the Barbarian a positive image and bear witness to an effort to understand, up to the last [...] which exalt Panhellenic values.” (Said 2002: 63)

não somente tinha um componente pessoal, mas também um cultural. Aparentemente, o passado heróico (Idade de Bronze?) era neste contexto um passado vivo e relevante e foi percebido mais como algo semelhante que algo diferente [da atualidade; R.G.]. (Cohen 1995: 484)⁸¹

O jogo associativo com heróis era um evento performativo⁸² e “envolveu um atuante singular que agiu para si mesmo e não tanto para a comunidade, mas, no mesmo momento, invocava uma coloração pública, enquanto sendo uma performance que se autodramatizava, direcionando-se a um público militar.” (Cohen 1995: 484)⁸³ Os macedônios aproximavam-se a Hércules já desde gerações anteriores a Alexandre. Ele, por sua vez, começou a celebrar mais uma outra associação: aquela com Aquiles.⁸⁴

Mesmo não sendo possível superestimar a importância de Hércules, a figura heroica Aquiles possuía um lado refletivo, uma complexidade humana que eludia a representação comum de Hércules enquanto representação de força física crua e devia ter atraído a personalidade complexa de Alexandre. (Cohen 1995: 485)⁸⁵

O uso celebrativo da mitologia helênica por Alexandre e seus antepassados próximos pode, portanto, ser interpretado como um esforço para ser reconhecido entre os helenos.

⁸¹ “Not only did Alexander construct a self in light of a past reality, but he also strove to correct Achilles’ flaws as he occasionally perceived them (cf. Plut. *Moralia* 343b). Thus both paradigms (*imitatio* and *aemulatio*) must be kept in mind, nor was the parallel lost to contemporaries (*comparatio*). This last fact indicates that Alexander’s self-fashioning into a hero had not only a personal but a cultural component. It suggests that the heroic (Bronze Age?) past was in that context a living and a relevant past, seen in terms of its sameness rather than its otherness.”

⁸² Por exemplo: “There at Troy he stood picturing the heroic deeds which had once taken place [...] Plut. *Moralia* 331d” (Cohen 1995: 485).

⁸³ “involved a single agent acting on his own behalf rather than the community’s, but at the same time it conjured up a public tone, in that it was a self-dramatizing performance addressed to a military audience.”

⁸⁴ Sobre a importância e a forma da relação de Alexandre com Aquiles veja Guggenberger 2016. “Do ponto de vista de Plutarco, Aquiles deixou no jovem Alexandre uma marca genética, que o acompanhou ao longo da vida e pôde explicar as qualidades precoces que o filho de Filipe II desde cedo demonstrou.” (De Fátima Silva 2012: 128) “[T]he associations with Heracles, a well established connection for the Macedonian royal house, and with Achilles, a more recent association gained for Alexander through his mother, though inchoate in public opinion, received encouragement from their repetition in the orators. Notwithstanding the mockery and cynicism the orator often joined to linking Alexander with Achilles, it is obvious that such subtle and sophisticated attacks did more to inflate than to diminish the expectation that Alexander | was an ACHILLEUS REDIVIVUS. This is so because the ‘man on the street’ missed the irony” (Gunderson 1981: 188-189).

⁸⁵ “Even though the importance of Herakles can never be overestimated, there was a reflective side to Achilles’ heroic persona, a human complexity, which eluded Herakles’ usual representation in terms of naked physical power and which must have held an added appeal for Alexander’s complex personality.”

A consciência nacional dos gregos não era apoiada jamais por instituições políticas e também as festas em comum e a reverência ao oráculo de Delfos lhe davam somente pouco apoio. Essa consciência nacional não se criava pela língua, que se dividia em muitos dialetos, e tampouco pelo culto, que era diferente de acordo com as regiões. Neste contexto, a epopeia, que narra uma campanha dos pan-aqueus contra a cidade asiática, sem dúvida, contribuía muito para que os gregos se sentissem como unidade. Quando, finalmente, os persas atacaram a Grécia, a lembrança mítica conseguia fortalecer a consciência da solidariedade (Snell 1952: 8)⁸⁶.

MACEDÔNIOS COMO NÃO BÁRBAROS: A LÍNGUA

Plutarco destaca um episódio, no qual Alexandre, embriagado, chamou “seus escudeiros com voz forte, em dialeto macedônio [Μακεδονιστί], sinal de grande paixão” (51. 4; *Alex.* p. 86) [ἀνεβρόα Μακεδονιστί καλῶν τοὺς ὑπασπιστάς τοῦτο δὲ ἦν σύμβολον θοροῦβου μεγάλου]. É provável, portanto, que Alexandre falava com a sua guarda macedônica em dialeto macedônico, mas que ele mudava para um dialeto helênico⁸⁷ na presença de helenos. Plutarco mostra que o dialeto macedônico foi a língua íntima de Alexandre e que ele o usava em momentos de agitação e de forte emoção. Quando gritava e saía de si, ele usava essa língua automaticamente como língua materna, não tendo condições mentais em tais momentos para usar a segunda língua dele, que era um dos dialetos helênicos ou uma mistura dos mesmos. Segundo Plutarco, a língua dos macedônios, portanto, não era igual àquela dos helenos.⁸⁸

⁸⁶ “Das nationale Bewußtsein der Griechen, hat so keinerlei Halt an politischen Institutionen, nur einen schwachen Halt an den gemeinsamen Festen, an der Ehrfurcht vor dem delphischen Orakel, und es konnte sich an der Sprache, die in viele Dialekte zerfiel, und am Kult, der in allen Landschaften verschieden war, kaum bilden: da hat das Epos, das einen Zug der Panachaier gegen die asiatische Stadt schilderte, zweifellos viel dazu beigetragen, daß die Griechen sich als Einheit fühlten, und als dann vollends die Perser gegen Griechenland zogen, konnte die mythische Erinnerung das Bewußtsein der Solidarität stärken”.

⁸⁷ Provavelmente um do tipo jônico, talvez um próximo ao ático (devido à importância cultural e literária de Atenas) – constituindo eventualmente já uma fase preliminar do *koiné*. Seria interessante poder analisar se, inicialmente, o *koiné* contou com a contribuição de elementos do dialeto macedônico. Parece, porém, que o *koiné* (quase) não foi influenciada pelo dialeto macedônico, embora o próprio Alexandre e a maioria dos líderes do exército tivessem falado Μακεδονιστί.

⁸⁸ “The German historian Beloch (1886) also asserted that ,the Macedonians spoke a different language in king Archelaus’s (413-399 B.C.) presence, which the (Dorians) Hellenes didn’t understand.” (Skokljev-Donco/ Nikolovski-Katin/Stefov 2010: 127) Pela carência de testemunhos escritos, essa língua dos macedônios não pode ser mais reconstruída. Os testemunhos supérstites estão em letras gregas. Sobre a história da escrita usada na Macedônia antes da adoção do alfabeto grego, veja Skokljev-Donco/ Nikolovski-Katin/Stefov 2010: 111-117. Segundo o indo-europeísta Heiner Eichner o macedônico da época de Alexandre era a língua indo-europeia mais próxima ao grego, quer dizer aos dialetos helênicos. Há, porém, linguistas (por exemplo Panayotou 1994) que argumentam, que não

CONCLUSÃO

Vários traços que unem e separam os helenos e os macedônios, e que podem ter contribuído à união e à separação deles, foram apresentados. Desses traços, a religião e uma certa série de comportamentos e ideais eram aqueles que, segundo Plutarco, quase não se distinguiram.⁸⁹ No meio caminho está a língua, que se distinguiu, mas não tanto, dos dialetos helênicos. Constatou-se que quase não existe uma história comum e que os macedônios não estavam presentes na mitologia helênica, embora a casa real macedônica tenha se aproximado constantemente a essa mitologia, pelo menos desde o século V a.C.⁹⁰

Evidenciou-se também que os macedônios, assim como os helenos, tinham a tendência de menosprezar aqueles que eram considerados bárbaros pelos helenos. A depreciação e uma posição desfavorável frente aos bárbaros podem contribuir para que um determinado grupo ou povo não heleno não seja visto como bárbaro. Porém, combater alguém que é (também) considerado bárbaro (nem que seja o bárbaro por excelência, como o rei dos persas) não é o suficiente para se livrar de uma imagem bárbara.⁹¹

Há outros possíveis elementos identificadores entre macedônios e helenos que não podem ser analisados, uma vez que Plutarco não fala explicitamente, por exemplo, sobre as diferenças de etnicidade dos helenos e macedônios e nem foca muito na região geográfica. Contudo isso não quer dizer que esses dois elementos não podem ter influenciado na categorização dos macedônios como não helenos e como não bárbaros. É esse campo semântico que chamamos de “terceira categoria”. Não é, portanto, correto distinguir somente helenos de bárbaros, mas é preciso introduzir uma terceira denominação. Nessa terceira categoria encontram-se, entre outros, os macedônios, os trácios⁹², (provavelmente pelo menos a maioria dos) epirotas, e habitantes helenófonos da Magna Grécia⁹³.

se trata de uma outra língua indo-europeia, mas de um dialeto helênico, que absorveu elementos não helênicos.

⁸⁹ Pelo menos na ótica apresentada por Plutarco. Por detalhes históricos e especificidades da religião macedônica veja Christesen/Murray 2010.

⁹⁰ Talvez essa aproximação fez com que a realeza macedônica tenha sido admitido nos Jogos Olímpicos (Hdt. 5. 22), algo normalmente reservados aos helenos, a partir do mesmo século.

⁹¹ Se fosse assim, os povos do oriente e médio que travaram batalhas contra os persas teriam sido considerados não bárbaros pelos helenos, o que não era o caso.

⁹² Os trácios já aparecem na mitologia como povo não aliado aos helenos (por exemplo na *Ilíada*) e que não é civilizado, como já mostra Arquíloco que fala deles como selvagens e escravizados.

⁹³ O atleta Failo de Crotona “tendo os Italiotas abandonado os Gregos, que eles julgavam irremediavelmente perdidos [essa explicação do abandono não consta no texto grego usado; R.G.], equipou uma galera à própria custa e foi a Salamina, para participar dos riscos da Grécia.” (34. 2; *Alex.* p. 66) [τῶν ἄλλων Ἰταλιωτῶν ἀπεγνωκότων τοὺς Ἑλληνας ιδιόστολον ἔχων ναῦν ἔπλευσεν εἰς Σαλαμίνα, τοῦ κινδύνου τι μεθέξων.] Isso mostra que os habitantes da Magna Grécia não eram considerados helenos, embora muitos ainda estivessem conectados à Hélade de modo tão intenso que uns poucos até auxiliaram no combate contra os persas.

Os macedônios, em Plutarco, nunca foram chamados de bárbaros. E, naturalmente, os próprios macedônios não se consideravam bárbaros.⁹⁴ Até no caso da conquista e punição brutal da “capital” da Beócia, Tebas, Plutarco não os chama de bárbaros. (11. 5-6; *Alex.* p. 32) A casa real macedônica, especialmente Alexandre⁹⁵, tentou ganhar o reconhecimento dos helenos, sobretudo dos atenienses *qua* helenos mais sofisticados culturalmente e, aparentemente, não dos Espartanos, uma vez que esses não participaram da campanha e do seu exército.⁹⁶ Os helenos mais destacados por Plutarco são os atenienses⁹⁷, seguidos

⁹⁴ Alexandre foi ralhado pelo nobre macedônio Clito: “não convide à sua mesa homens livres e cheios de franqueza e fique entre bárbaros e escravos, prontos a adorar sua cintura persa e seu traje branco” (51. 3; *Alex.* p. 86) [μη καλεῖν ἐπὶ δεῖπνον ἄνδρας ἐλευθέρους καὶ παρρησίαν ἔχοντας, ἀλλὰ μετὰ βαρβάρων ζῆν καὶ ἀνδραπόδων, οἱ τὴν Περσικὴν ζώνην καὶ τὸν διάλευκον αὐτοῦ χιτῶνα προσκυνήσουσιν]. Essa autopercepção dos macedônios como livres e francos, serve como contraste com o costume de Alexandre de conviver com bárbaros, tratá-los bem e ser respeitado por eles.

⁹⁵ A passagem na qual o desempenho de Alexandre em tentar agradar os atenienses é mais evidente é: “Oh Atenienses, imaginai os perigos contra os quais eu me arrisco para merecer os vossos louvores!” (60. 3; *Alex.* p. 97) [Ἀθηναῖοι, ἀρά γε πιστεύσατε ἂν ἠλικούς ὑπομένω κινδύνους ἔνεκα τῆς παρ’ ὑμῖν εὐδοξίας;] Num contexto de situações em quais Alexandre falou com os helenos, Plutarco menciona uma tabuleta, na qual constava que “o império dos Persas desapareceria, derrubado pelos Gregos” (17. 2; *Alex.* p. 39) [ἐδηλοῦτο παύσεσθαι τὴν Περσῶν ἀρχὴν ὑπὸ Ἑλλήνων καταλυθεῖσαν]. Não foi mencionado, portanto, o papel e a participação dos macedônios (além do próprio Alexandre como o seu rei) nas batalhas, dos quais a contribuição era mais acentuada e importante do que a dos helenos.

⁹⁶ “The attitude of city-state Greeks to this sub-Homeric enclave [Macedon; R.G.] was one of genial and sophisticated contempt. They regarded Macedonians in general as semi-savages, uncouth of speech and dialect, retrograde in their political institutions, negligible as fighters, and habitual oath-breakers, who dressed in bear-pelts and were much given to deep and swinish potations, tempered with regular bouts of assassination and incest. [...] No one had forgotten that Alexander I, known ironically as ‘the Philhellene’, had been debarred from the Olympic | Games until he manufactured a pedigree connecting the Argeads with the ancient Argive kings.” (Green 1991: 6-7) O fato que Alexandre I (não a ser confundido com Alexandre II, o Grande) foi chamado de Filelono já mostra que os macedônios não foram considerados helenos pelos próprios helenos. O fato que a fonte principal deste trabalho é a obra de um heleno, tem que nos alertar a respeito da verdadeira importância dos helenos no pensamento de Alexandre: “since our sources almost invariably reflect the Greek point of view, there is the constant risk of overestimating the importance of Greek interests in Alexander’s mind.” (Faraguna 2003: 99)

⁹⁷ Atenas e os atenienses foram um caso especial para Alexandre e isso é evidenciado em várias passagens da *Vida de Alexandre*: “governando a Hélade” (13. 2; *Alex.* p. 33 representa uma outra e má tradução da passagem) [ἄρξουσιν τῆς Ἑλλάδος]. “Atenodoro, multado pelos Atenienses por não ter comparecido às festas de Baco, rogou ao rei [Alexandre] que intercedesse em seu favor. Alexandre não o fez, mas pagou a multa em lugar dele.” (29. 3; *Alex.* p. 57) [ἐπεὶ δὲ Ἀθηνόδωρος ὑπὸ τῶν Ἀθηναίων ζημιωθείς, ὅτι πρὸς τὸν ἀγῶνα τῶν Διονυσίων οὐκ ἀπήνησεν, ἤξιον γράψαι περὶ αὐτοῦ τὸν βασιλέα, τοῦτο μὲν οὐκ ἐποίησε, τὴν δὲ ζημίαν ἀπέστειλε παρ’ ἑαυτοῦ.] Plutarco mostra que mulheres áticas se relacionaram e casaram com macedônios no decorrer da campanha de Alexandre: por exemplo “a cortesã Taís, natural da Ática, e então amante de Ptolemeu, aquele que depois foi rei do Egito [“do Egito” não consta no texto grego; R.G.]” (38. 1; *Alex.* p. 70) [Θαῖς ἢ Πτολεμαίου τοῦ βασιλεύσαντος ὕστερον ἑταῖρα, γένος Ἀττικῆ].

pelos tebanos. E ele deixa também muito claro que os tessálios⁹⁸ e os espartanos eram indubitavelmente helenos.

Quando “depois de conquistado o Egito, Alexandre projetou a construção duma cidade grega [Ἑλληνίδα], grande e populosa, dando-lhe seu próprio nome” (26. 2; *Alex.* p. 53) [τῆς Αἰγύπτου κρατήσας ἐβούλετο πόλιν μεγάλην καὶ πολυάνθρωπον Ἑλληνίδα συνοικίσας ἐπώνυμον ἑαυτοῦ καταλιπεῖν], o pronável é que ele tenha pensado nas grandes *poleis* helênicas como modelos, uma vez que na Macedônia não existiam tais modelos. Isso mostra que Ἑλληνίδα não significa, nesta ocasião, que Alexandre queria fundar cidades somente para helenos e não para os macedônios.

Seibert, portanto, tem razão ao criticar que Robinson⁹⁹ por usar “a denominação ‘gregos’ para gregos e macedônios [...] deve ter criado uma ideia totalmente errada, sobretudo utilizando-a em contextos referentes à administração e ao exército.” (Seibert 1972: 187)¹⁰⁰ Na visão de Seibert as diferenças entre helenos e macedônios eram sobretudo visíveis em questões administrativas e militares. Uma análise de Plutarco, porém, evidencia que os helenos distinguiam a si mesmos dos macedônios, desde o início e antes da reunião por ocasião da campanha de Alexandre e não somente em termos administrativos e militares.

Ao que parece, para que um grupo, uma tribo ou um povo fossem pertencentes à terceira categoria¹⁰¹, eles deveriam falar um dialeto helênico ou

⁹⁸ “Alexandre falou prolongadamente aos Tessálios e aos outros Gregos” (33. 1; *Alex.* p. 64) [τοῖς Θετταλοῖς πλείστα διαλεχθεὶς καὶ τοῖς ἄλλοις Ἑλλησιν]. A edição Loeb (Plutarco 1967: 323, rodapé 1) comenta acerca essa passagem: “Sometimes the term ‘Hellenes’ excludes, and sometimes it includes, the Macedonians. The context must decide. Cf. xlvi. 5.” Acharnos esse comentário equivocado, uma vez que ao redor dessa passagem, Alexandre parece se direcionar exclusivamente àquela parte do seu exército que se constituiu pelos helenos. A leitura minuciosa da *Vida de Alexandre* mostra que Plutarco sempre distingue nitidamente entre macedônios e helenos e não costuma incluir os primeiros quando ele fala dos helenos. A citada passagem 47. 5 da qual o comentador se serve para fins comparativos demonstra explicitamente que Plutarco fez tal distinção, uma vez que ali não se fala somente da presença dos helenos, mas da dos helenos e também da dos macedônios. Seguindo à tradução de Vega, teria uma única passagem, na qual Plutarco falaria de helenos incluindo os macedônios, quando um dos companheiros de Alexandre conta, que “os soldados do exército grego” (*Alex.* p. 60) fizeram uma brincadeira. No texto grego, porém, não consta a palavra “grego” e tampouco a palavra “exército”, mas somente στρατηγὸν (31. 1). Quem aborda a temática da categorização dos macedônios sob uma perspectiva sincrônica (no nosso caso a categorização dos macedônios da segunda metade do século IV na ótica de Plutarco), portanto, não precisa somente consultar constantemente o texto grego, mas ele também não deve confiar na literatura secundária, que afirma – baseando-se em meras interpretações de pouquíssimas passagens da literatura clássica (por exemplo em Heródoto) – que os macedônios deveriam ser considerados helenos: por exemplo Lefèvre 2013: 235 e Droysen 2010: 59-61.

⁹⁹ Robinson 1936: 298-305.

¹⁰⁰ “die Bezeichnung Griechen für Griechen und Makedonen [...] muß ein völlig falsches Bild entstehen, besonders bei der Verwendung in der Verwaltung und im Heer.”

¹⁰¹ A terceira categoria corresponde ao caso daqueles que não eram nem helenos e nem bárbaros na visão dos helenos.

um dialeto que continha um número considerável de elementos familiares ao grego, como é o caso do macedônico. Mas falar um tal dialeto não significa automaticamente que o falante desse dialeto fosse considerado heleno. A língua semelhante somente permite que o respectivo falante não seja incluído na lista dos bárbaros.

Há vários outros parâmetros de identificação, dentre os quais está a região. Parece, por exemplo, que os povos da Magna Grécia, que habitavam áreas distantes e remotas da Hélade, não contavam como helenos plenos, embora fossem falantes de dialetos da Eubeia e de outras regiões da Hélade. Isso quer dizer que a dicotomia comum que separa os povos da Antiguidade grega em helenos e bárbaros não pode ser mantida, e que os gregos faziam distinções mais sutis. Deste modo é preciso operar com uma terceira categoria a qual pertencem vários povos que até então eram incluídos, erroneamente, por uma parte dos pesquisadores modernos na categoria “helenos” e por outra parte na categoria “bárbaros”, tendo sido esses considerados, na verdade, pelos próprios helenos nem bárbaros e nem helenos.¹⁰²

A introdução dessa terceira categoria não somente está de acordo com Plutarco, mas também com Demóstenes, contemporâneo de Filipe e de Alexandre. O orador constata, através de negações acumulativas, que Filipe não é heleno (οὐ μόνον οὐχ'Ἕλληνας ὄντος), que não tem nada a ver com os helenos (οὐδὲ προσήκοντος οὐδὲν τοῖς Ἕλλησιν), e que nem é bárbaro (ἀλλ' οὐδὲ βαρβάρου), mas sim um patife macedônio (ἀλλ' ὀλέθρου Μακεδόνας), de um país onde anteriormente não era nem possível comprar um escravo que prestasse. (Κατὰ Φιλίππου 3. 31)

¹⁰² “Alexandre servia-se de Hefestion para fazer conhecer suas vontades aos bárbaros, a [sic!] de Cratera para tratar com os Gregos e os Macedônios” (47. 5; *Alex.* p. 81) [δι' ἐκείνου μὲν ἐχρημάτιζε τοῖς βαρβάροις, διὰ τοῦτου δὲ τοῖς Ἕλλησι καὶ τοῖς Μακεδόσι].

BIBLIOGRAFIA

- Aristotelis (1991), *Ethica Eudemia*. Walzer, R. R.; Mingay, J. M. (eds.). Oxford.
- Bosman, P. (2011), “Signs and Narrative Design in Plutarch’s Alexander”, *Akroterion* 56: 91-106.
- Burke, E. M. (1983), “Philip II and Alexander the Great”, *Military Affairs* 47, 2: 67-70.
- Christesen, P.; Murray, S. C. (2010), “Macedonian Religion”, in Roisman, J.; Worthington, I. (eds.). *A Companion to Ancient Macedonia*. Malden, Oxford, 428-445.
- Cohen, A. (1995), “Alexander and Achilles – Macedonians and ‘Mycenaeans’”, in Carter, J. B.; Morris, S. P. (eds.). *The ages of Homer: A tribute to Emily Townsend Vermeule*. Austin, 483-505.
- De Fátima Silva, M. (2012), “Alexandre da Macedônia: Um paradigma de excelência”, *Imagens da Educação* 2, 3: 1-10.
- De Fátima Silva, M. (2012), “Registo e Memória. Arriano e Plutarco sobre Alexandre”, in Ramos, J. A.; Simões Rodrigues, N. (eds.). *Mnemosyne kai Sophia*. Coimbra, 127-148.
- De Magalhães, L. O. (2009), “Plutarco: historiografia e biografia na cultura greco-romana”, *História da historiografia* 3: 181-187.
- Demosthenes (2002), *Politische Reden*. (Übersetzung Wolfhart Unte), Stuttgart.
- Diels, H; Kranz, W. (eds.) (1951), *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 Bände. 5. Auflage. Berlin.
- Droysen, J. G. (2010), *Alexandre o Grande*. Rio de Janeiro.
- Engels, J. (2010), “Macedonia and Macedonians” in Roisman, J.; Worthington, I. (eds.). *A Companion to Ancient Macedonia*. Malden, Oxford, 81-98.
- Faraguna, M. (2003), “Alexander and the Greeks”, in Roisman, J. (ed.): *Brill’s Companion to Alexander the Great*. Leiden, Boston, 99-130.
- Fernández Nieto, F. J. (2009), “Die Geschichtsschreiber Alexanders des Großen – Römer und Griechen” (Übersetzung Martin Knapp), in Hansen, S.; Wieczorek, A.; Tellenbach, M. (eds.), *Alexander der Grosse und die Öffnung der Welt: Asiens Kulturen im Wandel*. Regensburg, 33-37.
- Fredricksmeyer, E. (2003), “Alexander’s Religion and Divinity”, in Roisman, J. (ed.). *Brill’s Companion to Alexander the Great*. Leiden, Boston, 253-278.
- Gehrke, H.-J. (2000), *Alexander der Große*, München.
- Gehrke, H.-J. (2008), *Geschichte des Hellenismus*, München.
- Green, P. (1991), *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: A historical biography*, Berkeley, Los Angeles, Oxford.

- Guggenberger, R. (2016), “Alexandre Magno e a instrumentalização da mitologia grega. Fruto de convicção pessoal, premissa de propaganda ou meio para despertar confiança?”, in De Araújo Martins Esteves, A.; Bantin de Assumpção, L. F., De Souza Nogueira, R. (eds.). *Líderes Políticos da Antiguidade*. Rio de Janeiro, 121-154.
- Gunderson, L.L. (1981), “Alexander and the Attic Orators”, in Dell, H. J. (ed.). *Ancient Macedonian Studies in Honor of Charles F. Edson*. Thessaloniki, 183-192.
- Hartog, F. (2001), *A História de Homero a Santo Agostinho* (Tradução Jacyntho Lins Brandão), Belo Horizonte.
- Hartog, F. (2015), “Barbarians: from the Ancient to the New World”, in Boletsi, M.; Moser, C. (eds.). *Barbarism revisited: New Perspectives on an Old Concept*. Leiden, 31-44.
- Herodot (1971), *Historien* (Übersetzung August Horneffer) 4. Auflage. Stuttgart.
- Homeri (2010), *Ilias*. van Thiel, H. (ed.). Hildesheim, Zürich, New York.
- Lefèvre, F. (2013), *História do mundo grego antigo*. São Paulo.
- Lissarrague, F. (2002), “The Athenian Image of the Foreigner”, in Harrison, T. (ed.). *Greeks and Barbarians*. Edinburgh, 101-124.
- O’Brien, J. M. (1992), *Alexander the Great: The Invisible Enemy: A biography*, London, New York.
- O’Connell, E. (2006), *Heraclitus and Derrida: Presocratic Deconstruction*. New York.
- Panayotou, A. (1994), *Langues indo-européennes*. Paris.
- Plutarch (1916), *Lives. III: Pericles and Fabius Maximus. Nicias and Crassus*. (Tradução Bernadotte Perrin), Cambridge (Mass.).
- Plutarch (1918), *Lives. VI: Dion and Brutus. Timoleon and Aemilius Paulus*. (Tradução Bernadotte Perrin), Cambridge (Mass.).
- Plutarch (1962), “On the fortune or the virtue of Alexander”, in: *Plutarch’s Moralia in fifteen volumes. IV: 263d-351b*. (Tradução Frank Cole Babbitt), Cambridge (Mass.), 379-487.
- Plutarch (1967), *Lives. VII: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar*. (Tradução Bernadotte Perrin), Cambridge (Mass.).
- Plutarco (1965), *Alexandre e César* (Tradução Hélio Vega), Rio de Janeiro. [cit. Alex.]
- Robinson, C. A., Jr. (1957), “The Extraordinary Ideas of Alexander the Great”, *The American Historical Review* 62, 2: 326-344.
- Robinson, C. A., Jr. (1936), “Alexander the Great and the Barbarians”. in *Classical Studies Presented to Edward Capps*. Princeton, 298-305.

Nem bárbaros e nem helenos: os macedônios do sec. IV a.C. como terceira categoria em Plutarco

- Said, S. (2002), “Greeks and Barbarians in Euripides’ Tragedies: The End of Differences”, in Harrison, T. (ed.) *Greeks and Barbarians*. Edinburgh, 62-100.
- Seibert, J. (1972), *Alexander der Grosse*, Darmstadt.
- Skokljević-Donco, A.; Nikolovski-Katin, S.; Stefov, R. (2010), *Macedonia in ancient times*. Skopje.
- Snell, B. (1952), “Homer und die Entstehung des geschichtlichen Bewusstseins bei den Griechen”, in *Varia Variorum: Festgabe für Karl Reinhardt*. Münster, Köln, 2-12.
- Tucídides (2001), *História da Guerra do Peloponeso* (Tradução Mário da Gama Kury), Brasília.
- Vlassopoulos, K. (2013), *Greeks and Barbarians*, Cambridge.
- Wiesehöfer, J. (2009), “Das Bild der Anderen: Perser aus der Sicht der Griechen – Griechen aus der Sicht der Perser”, in Hansen, S.; Wiczorek, A.; Tellenbach, M. (eds.). *Alexander der Grosse und die Öffnung der Welt. Asiens Kulturen im Wandel*. Regensburg, 87-93.
- Wilcox, J. (1991), “Barbarian ‘psyche’ in Heraclitus”, *The Monist* 74, 4: 624-637.
- Ziegler, V. (2009), *Plutarco e a formação do governante ideal no principado romano: uma análise da biografia de Alexandre*. Diss. UNESP.